

**FACULDADE DE FÍSICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA**

**NELSON ELINTON FONSECA CASARIN**

**FAMÍLIA E APRENDIZAGEM ESCOLAR**

**Porto Alegre  
2007**

NELSON ELINTON FONSECA CASARIN

## **FAMÍLIA E APRENDIZAGEM ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Faculdade de Física da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Orientadora: Profa. Dr. Maria Beatriz Jacques Ramos

Porto Alegre

2007

NELSON ELINTON FONSECA CASARIN

## **FAMÍLIA E APRENDIZAGEM ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Aprovado em:.....de.....de.....

Banca Examinadora:

---

Orientadora: Profa. Dr. Maria Beatriz Jacques Ramos

---

  

---

*À minha família, pela compreensão e orientação nas horas de angústia, pelo incentivo e por todas as vezes que viabilizou a busca dos meus sonhos, e a todas as famílias que esta pesquisa poderá ajudar, dedico esta conquista com gratidão a Deus.*

## *AGRADECIMENTOS*

*Agradeço a Deus pelas orientações e demonstrações do Seu amor.*

*Agradeço a minha família pelo apoio e dedicação recebidos, da minha esposa e em especial de meus pais que me oportunizaram o estudo quando as condições eram adversas.*

*Agradeço a minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Beatriz, pela compreensão e sabedoria com que sempre me acolheu.*

*Agradeço aos professores do curso que, com sua sabedoria demonstraram a necessidade da pesquisa e da aplicação em sala de aula.*

*Agradeço aos colegas de trabalho pelas inúmeras conversas e orientações prestadas. Agradeço às famílias que entenderam o objetivo dessa pesquisa e aceitaram participar da mesma fornecendo os dados necessários.*

*Educação, palavra bonita.  
Expressa valores do ser humano.  
Enaltecida por alguns corajosos educadores...  
...desprezada por muitos na sociedade.  
Mas se todos a tivessem, seria diferente...  
...ah, como sonho com esse momento.  
Parece utopia! Clamo para que um dia isso se torne realidade.  
Não sei se em meus dias, mas aguardo...  
...por esse sonho.  
Educação, palavra tão fácil de ser dita ou mesmo debatida...  
...difícil compreender o que com ela se pode alcançar.  
Educação, não quero brincar contigo...  
...usufruir-te, sim, eu quero.  
Espalhar-te mudará o mundo, que carece ser humano.*

**Nelson Elinton Fonseca Casarin**

## RESUMO

Essa pesquisa teve como objetivo a compreensão da organização familiar e suas implicações no processo de escolarização de crianças e adolescentes que apresentam dificuldades de aprendizagem. As informações foram obtidas a partir de entrevistas com famílias selecionadas por uma escola particular de Porto Alegre. Isto possibilitou a investigação de relações familiares que acarretam dificuldades evidentes na aprendizagem. Esse estudo baseou-se na análise de referenciais teóricos sobre o assunto. Muitas pesquisas têm sido dedicadas ao entendimento das causas do fracasso escolar de crianças ao longo do tempo. Entre as causas apontadas nos estudos, em geral, percebemos a influência da origem social, da prática pedagógica do professor sobre o padrão de estímulo intelectual e afetivo das crianças. Porém, a relação existente entre a família e os processos de aprendizagem não aparecem claramente nesses estudos. A aprendizagem está ligada à ação social. A orientação educacional é vital para as pessoas, tanto em instituições de ensino quanto nas famílias. Penso que, a aprendizagem e o desempenho escolar dependem, primeiramente, da inter-relação familiar, e posteriormente, da relação entre professor e aluno. Se antes as escolas e famílias tinham objetivos que aparentemente não se relacionavam, agora ambas passaram a ser vistas como participantes na educação. Embora distintas, buscam atingir objetivos complementares.

**Palavras-chave:** Dificuldades de aprendizagem. Família. Aprendizagem e família. Desempenho escolar.

## **ABSTRACT**

This research was intended to provide some understanding about family organization and its implications to the school process of children and teenagers who have learning troubles. The informations were obtained through interviews with families chosen by the school. It made possible to investigate family relationships that lead to obvious learning difficulties. This study was based on the analysis of theoretical references on the subject. A great deal of research have been devoted to uderstand the reasons for children's school failure along the time. Amidst the reasons pointed out by studies, one usually sees the influence of the social origin and the teacher's educational practice on the children's emotional and intellectual stimuli patterns. But the relationship between the family and the learning process do not appear clearly at those studies. Learning is connected to social action. Educational guidance is vital for people, both at educational institutions and within families. I think that learning and school performance depend first on the family interrelations and then on the relationship between teacher and student. If, in the past, schools and families had apparently unrelated goals, they now both begin to be seen as participants in the education process. Although different, they try to achieve complementary objectives.

**Key-words:** Learning troubles. Learning difficulties. Family. Learning and family. School performance.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 JUSTIFICATIVA</b> .....	12
<b>3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA</b> .....	13
3.1 MEU PERCURSO COMO EDUCADOR.....	13
<b>4 OBJETIVO CENTRAL</b> .....	17
4.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	17
<b>5 PROBLEMA DA INVESTIGAÇÃO</b> .....	18
5.1 QUESTÕES DE SOBRE A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E APRENDIZAGEM ESCOLAR .....	18
<b>6 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	19
6.1 FAMÍLIA E APRENDIZAGEM ESCOLAR .....	19
6.2 A FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA .....	19
6.3 AS TRANSFORMAÇÕES FAMILIARES E AS SEPARAÇÕES .....	29
6.4 O ENSINO E A APRENDIZAGEM ESCOLAR .....	32
6.5 OS PROBLEMAS FAMILIARES E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	35
6.6 EDUCAR É UM PROCESSO COMPLEXO QUE EXIGE EQUILÍBRIO.....	39
<b>7 METODOLOGIA</b> .....	42
<b>8 ANÁLISE DESCRITIVA DAS ENTREVISTAS</b> .....	45
<b>9 UMA REFLEXÃO FINAL</b> .....	60
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	62

<b>APÊNDICES</b> .....	66
APÊNDICE A - Entrevista para as famílias .....	67
APÊNDICE B - Entrevista com a Família “A” .....	68
APÊNDICE C - Entrevista com a Família “B” .....	71
APÊNDICE D - Entrevista com a Família “C” .....	74
APÊNDICE E - Entrevista com a Família “D” .....	77
APÊNDICE F - Entrevista com a Família “E” .....	80
<b>ANEXO</b> .....	83
ANEXO A – Autorização .....	84

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade tem passado por transformações sociais e culturais importantes nos últimos tempos. As novas concepções familiares, bem como o relacionamento entre indivíduos no meio familiar, refletem em larga escala essas mudanças.

Em uma análise histórica, encontramos uma família que se compunha por figuras bem definidas dentro do lar. O pai buscava suprir as necessidades básicas do grupo de um modo geral e a mãe tinha por responsabilidade o cuidado da casa e a educação dos filhos. Porém, o tempo passou e a mulher, segundo Tiba (2002), saiu para o mercado de trabalho sem deixar, contudo, de ser mãe. Isso não implicou em que o pai assumisse a responsabilidade deixada por ela.

Hoje se diz que pai e mãe passaram a dividir a tarefa de educar os filhos, o que parece louvável. Porém, no final do século XX, a família começou a desestruturar-se, em função de algo chamado “busca da qualidade de vida”. Isso originou a defasagem no meio familiar das figuras parentais e, conseqüentemente, a desestruturação na educação dos filhos. Os pais foram em busca de melhores condições financeiras para suprir as necessidades básicas, esquecendo-se de, em muitos casos, participar da educação dos filhos. Essa tarefa foi atribuída à escola.

No decorrer dessa pesquisa, relacionei características da família atual com aspectos da aprendizagem escolar na sociedade contemporânea, buscando refletir sobre o modo como as situações familiares têm influenciado o comportamento e o rendimento escolar dos filhos nos diferentes grupos sociais.

É bem possível, embora igualmente improvável, que durante sua carreira profissional o professor não questione sobre os principais motivos dos elevados índices de dificuldades de aprendizagem com os quais convive diariamente. Por isso, propus esse estudo.

Penso que esse trabalho foi importante tanto às famílias, do ponto de vista social, como também às instituições de ensino, pois nos dois casos percebemos que “com educação não se brinca”.

Essa pesquisa orientou-se a partir da perspectiva qualitativa na análise de conteúdo com narrativas dos sujeitos que fizeram parte da amostra, os pais, ou responsáveis, dos estudantes do Ensino Fundamental e Médio de uma escola particular de Porto Alegre. Os dados da análise e acompanhamento dos sujeitos

foram avaliados com artigos e referenciais teóricos sobre o assunto em estudo.

Em síntese, essa pesquisa se mostrou uma contribuição devido à franqueza e honestidade com que se procurou mostrar aos pais e educadores suas funções básicas na tarefa de educar, expondo resultados e indicando que a aprendizagem se dá em um processo em que a família e a Instituição Escolar têm responsabilidades claras e definidas, afinal, educação e aprendizagem, no contexto atual, não são tarefas simples.

## 2 JUSTIFICATIVA

Meu interesse em realizar esse trabalho sobre Família e Aprendizagem Escolar baseou-se nas manifestações dos sentimentos de alunos em relação às suas famílias.

Ao observar as aulas de matemática, percebi que muitos estudantes, com dificuldade de aprendizagem, apresentavam desordens familiares, o que parecia levá-los ao insucesso e ao fracasso escolar.

Iniciei o magistério em 1994, como auxiliar de disciplina em uma escola do interior. Na metade do ano de 1995, assumi a sala de aula na área da matemática. Apreendi muito nessa nova experiência, principalmente a reconhecer que por trás de cada aluno há um ser humano em fase de desenvolvimento. Comecei a buscar informações sobre a realidade familiar do meu aluno. Essas se tornaram reveladoras das causas das dificuldades de aprendizagem. Ao escutar diferentes histórias de vida, percebi os motivos pelos quais alguns alunos não conseguiam resolver os exercícios em aula, pois detestavam o trabalho e alguns até relatavam o desgosto pelo estudo.

Ao refletir sobre isso, observei o distanciamento do ensino formal em relação à realidade familiar, que, em muitos casos, revelava uma falta de participação e interesse dos pais no amadurecimento e desenvolvimento cognitivo de seus filhos. Isto parecia ocorrer, com mais frequência, com filhos de pais separados, porque talvez não conseguiam desempenhar adequadamente a função materna ou a função paterna.

Deste modo, o estudo desse tema foi se delineando na minha trajetória docente com crianças e adolescentes, em sua maioria inteligentes e capazes, mas com dificuldades para pensar, para usufruir do conhecimento matemático no cotidiano de suas vidas.

A matemática é lógica e ação, é prática e reflexão.

Como crescer sem simbolizar, sem raciocinar e problematizar?

### 3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

#### 3.1 MEU PERCURSO COMO EDUCADOR

Minha primeira experiência como professor foi com turmas de 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> séries. Isso foi espetacular! É uma fase na qual a criança está descobrindo conceitos e formulando “questionamentos”. Esta experiência me permitiu entender o que eu aprendia na faculdade, e também o que havia aprendido com professores no passado. As crianças me mostraram que educar vai além de ensinar e que, com educação não se brinca. Deve-se perceber que por trás de todo aprendiz há um ser humano. Passei a visitar as famílias dos meus alunos, principalmente, as daqueles que apresentavam dificuldades na aprendizagem e constatei os problemas inerentes às famílias, refletidos nas suas vidas escolares. O reconhecimento desse trabalho logo começou a aparecer.

A experiência em sala de aula foi crescendo e, na própria instituição na qual trabalhava, surgiu o convite para que me transferisse para Porto Alegre e assumisse as turmas de Ensino Médio de uma escola maior. O desafio estava lançado, resolvi aceitar. Faltavam apenas dois semestres para a conclusão do curso de licenciatura plena em Matemática. Foi um ano difícil, pois além de trabalhar em Porto Alegre, estudava em Pelotas. Contei com o apoio financeiro do Colégio, custeando minhas passagens.

Finalmente, acontece a tão esperada formatura! Sou grato a Deus e a meus pais, que ofereceram o possível, porém, mesmo sem oferecerem muito, doaram tudo o que foi necessário para minha educação.

Na vida profissional, ao aplicar os conhecimentos que aprendi em sala de aula, questionava-me, constantemente, sobre o porquê dos estudantes apresentarem tanta dificuldade na aprendizagem. Comecei a pesquisar e trabalhar em profundidade essa situação, quando soube do curso de pós-graduação oferecido por uma faculdade de Porto Alegre sobre Metodologia do Ensino de Matemática para a Educação Básica.

No ano de 2002, fui convidado para ser o coordenador da área de Matemática na Rede de Escolas em que trabalho. Com o curso de pós-graduação em

andamento, senti a necessidade de pesquisar em sala de aula, tanto na condição de professor como de estudante. Assim, percebi que alguns alunos com problemas escolares necessitavam de uma ajuda diferenciada, um trabalho especializado, principalmente, aqueles com Déficit de Atenção e Hiperatividade e Discalculia.

Segundo Guerra (2002), a Discalculia é um distúrbio neurológico localizado na parte superior do cérebro, na região responsável pelos cálculos matemáticos. Uma pessoa que apresenta esse distúrbio pode ter um desempenho normal em todas as demais áreas do conhecimento, o que significa que é uma pessoa normal, com grandes dificuldades nos cálculos.

Sobre este tema, desenvolvi a minha monografia no curso de pós-graduação. O restante, o que não se encaixava neste distúrbio, acreditava ser puro desinteresse pelo estudo. Então onde estava o problema? Acreditava que era na forma como as aulas eram conduzidas, não sendo interessantes para o aluno. Porém, quando o aluno participa do processo, interage com o aprendizado, há o crescimento de ambos, no caso, professor e aluno. Pensando nesse tipo de abordagem, apresentei a proposta à editora, Casa Publicadora Brasileira, da Coleção Interagir e Crescer - Matemática de 1ª a 4ª séries, lançada no ano de 2004 no Brasil, obtendo excelentes recomendações, inclusive sendo indicada para ser avaliada pela comissão do MEC para o PNLD 2007 do Governo Federal.

Ao analisar minha caminhada até o momento, percebo que a área da educação sempre esteve presente na minha vida. Profissionalmente considero-me uma pessoa realizada, porém em busca do crescimento intelectual, desejando poder auxiliar, cada vez mais, o trabalho educacional. Hoje procuro aplicar de forma clara e participativa os conceitos que devem ser desenvolvidos na área de matemática, mas os problemas não acabaram. Ainda percebo situações adversas no processo de ensino e aprendizagem, entre elas, uma organização familiar problemática, assunto a que pretendo dar ênfase em minha pesquisa para essa dissertação.

Na escola encontramos muitos casos de dificuldades de aprendizagem, sendo que a maioria refere-se ao ensino da matemática, o mesmo pode ocorrer nas outras disciplinas. Tenho percebido que os problemas familiares podem incidir sobre a aprendizagem escolar. Mas, de que modo os contextos familiares afetam a aprendizagem escolar? Bem, esse é o ponto de partida da minha pesquisa.

De acordo com Garcia (1994), o entendimento das dificuldades de aprendizagem da matemática exige conhecer com clareza os processos e passos no

desenvolvimento da criança ou adolescente. Vejo a necessidade de professores capacitados para identificar dificuldades de aprendizagem oriundas da família e estimular buscas de soluções.

Vejo que as crianças que apresentam problemas familiares têm um rendimento inadequado, não apresentam o retorno esperado no processo educacional ao qual estão sendo submetidas. É importante destacar que, muitas vezes, as instituições educacionais e os educadores não apresentam qualificação para reconhecer essa situação do aluno. E, pelo desconhecimento, não o auxiliam adequadamente, não percebem a necessidade de encaminhá-lo, bem como a seus familiares, para um acompanhamento adequado.

De acordo com Eizirik (2001), os cuidados dos filhos em idade escolar exigem da família grande coesão e organização. A escola funciona como verdadeira vitrina da família, mostrando o que está indo bem e o que está indo mal. Por isso, é natural que seja a escola que tome freqüentemente a iniciativa de encaminhar a criança para atendimento.

O meu objetivo é pesquisar as condições familiares que estão diretamente ligadas à aprendizagem. Investigar os motivos pelos quais alunos oriundos de famílias desorganizadas, na sua grande maioria, segundo Eizirik (2001), não desenvolvem satisfatoriamente seu aprendizado escolar.

Conhecer a realidade da estrutura familiar significa auxiliar o desenvolvimento da aprendizagem, no sentido de ajudar a família a encontrar-se, mesmo em meio as dificuldades. Queiramos ou não, os pais e as escolas compartilham a mesma tarefa na educação de filhos, embora de modos diferentes. Na prática, nos dias de hoje, o desempenho dos pais deixa muito a desejar, principalmente, nas aprendizagens sociais, pois a criança, ou adolescente, parece não apresentar maturidade suficiente para enfrentar seus problemas. Com isso, nota-se que muitas famílias passam essa responsabilidade à escola.

Algumas teorias mostram a idéia de que a escola e a família devem atuar em conjunto na busca de soluções para o desenvolvimento da aprendizagem. Assim, a família e os educadores, devem atuar no desenvolvimento intelectual e afetivo, bem como na aprendizagem de alunos com baixo rendimento, diretamente no centro da dificuldade de aprendizagem.

As crianças precisam ser protegidas e cobradas de acordo com suas necessidades e capacidades, tanto por pais como por professores. Mas como cobrar

se os laços de família estão se esfacelando com o passar dos tempos? Conhecemos e trabalhamos com adolescentes que parecem adaptados no meio familiar, porém não paramos pra pensar que a educação tem mudado muito, embora não de maneira a adequar-se a essas novas situações familiares. Com os referenciais teóricos verificou-se que o conceito de família mudou drasticamente.

Historicamente, analisando Eizirik (2001), a infância como se conhece hoje foi construída ao longo do século XVIII, entre outras razões, com a criação da escola; a adolescência é um produto do século XIX, enquanto a mulher independente e valorizada surgiu plenamente na segunda metade do século XX.

É possível que no século XXI se presencie o surgimento de novas configurações familiares e sociais com o aumento das mudanças familiares; com novas configurações, distintas daquelas dos casamentos monogâmicos, devido ao alto índice de divórcios. Porém, Roudinesco (2003), afirma que a família humana é uma instituição insubstituível para a constituição de sujeitos em desenvolvimento.

A escola e nós educadores não podemos esperar que o caos venha nos assombrar sem que estejamos preparados. Desconhecemos o futuro e presenciamos algo preocupante que aponta para um contexto nada agradável no campo familiar no que se refere à educação dos filhos que nos são confiados como alunos.

Hoje temos números assombrosos de reprovações e nem por isso paramos para analisar o que está acontecendo. Tiba (2002), afirma que se os pais acompanharem o rendimento escolar do filho desde o começo do ano, poderão identificar precocemente essas tendências e, com o apoio dos professores, reativar seu interesse pela aprendizagem.

Ao trabalhar com esses dados e com o caminho que percorri na educação, pretendo ampliar minha compreensão sobre esses assuntos, pois percebo que novos horizontes podem ser descobertos e aplicados em nossas escolas, para que nos tornemos educadores mais conscientes e atuantes na relação com os estudantes que “não conseguem aprender”.

## 4 OBJETIVO CENTRAL

Compreender a relação entre família e as dificuldades de aprendizagem escolar, de estudantes do Ensino Fundamental e Médio.

### 4.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Pesquisar o modo como as situações familiares influenciam o processo de ensino e aprendizagem escolar.
- b) Analisar os motivos pelos quais os alunos, de famílias pensadas como disfuncionais, não desenvolvem satisfatoriamente o aprendizado escolar. Destaco que famílias disfuncionais não exercem adequadamente suas representações sociais e os papéis parentais para que se concretizem o amadurecimento e as metas de crescimento do sujeito.
- c) Conhecer a realidade das famílias para auxiliá-las no desenvolvimento e no processo de ensino e aprendizagem de seus filhos.

## 5 PROBLEMA DA INVESTIGAÇÃO

Qual a relação entre as situações familiares e as dificuldades de aprendizagem escolar, na área de matemática, de estudantes do Ensino Fundamental e Médio?

### 5.1 QUESTÕES DE PESQUISA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E APRENDIZAGEM ESCOLAR

- a) Que dificuldades de aprendizagem matemática são apontadas pelo Setor de Orientação da escola oriundas de problemas familiares?
- b) Como o professor e a escola reconhecem e devem agir com os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem em função da organização familiar?
- c) De que forma a família deve propiciar à criança, ou adolescente, condições para que este possa ter um desempenho escolar adequado?

## 6 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

### 6.1 FAMÍLIA E APRENDIZAGEM ESCOLAR

Muitos estudos têm sido dedicados à compreensão das causas do fracasso escolar das crianças ao longo do tempo. Dentre as causas apontadas, em geral, percebemos a influência da origem social, da prática pedagógica do professor sobre o padrão de estímulo intelectual e afetivo das crianças. Porém, a relação existente entre a família e os processos de aprendizagem não aparecem claramente nesses estudos.

Embora o tema família venha sendo bastante estudado, as idéias que a maioria das pessoas têm sobre o que seja uma família variam, no decorrer do tempo, de acordo com o contexto a que pertencem.

Acredito que a organização familiar esteja diretamente ligada ao grau de aproveitamento escolar dos filhos. Percebo que alunos com baixo rendimento escolar possuem uma organização familiar prejudicada. A escola tem o dever de agir em relação ao desempenho escolar de seus alunos, principalmente nos dias de hoje, afinal, o conceito de família vem perdendo espaço dentro da sociedade capitalista.

Os estudos têm mostrado que a família que acompanha o processo de aprendizagem do filho poderá auxiliá-lo no momento que surgem dificuldades escolares. Logo, se a família acompanhar o rendimento dos filhos em sala de aula, estes dificilmente enfrentarão situações de defasagem no aprendizado.

### 6.2 A FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Ao longo da história do Brasil, a família vem passando por transformações importantes, as quais se relacionam com o contexto sócio-cultural e mesmo econômico no país. No Brasil-Colônia, marcado pela escravidão e pela produção rural para as exportações, percebemos um modelo de família extensa e patriarcal

onde os casamentos baseavam-se em interesses econômicos e a mulher era destinada aos afazeres domésticos e à educação dos filhos.

Tiba (1996 p. 66-67), terapeuta de adolescentes, assim se expressa sobre a questão:

Nas últimas três décadas, a tradicional divisão de papéis entre o homem e a mulher sofreu grandes alterações. Atualmente, ambos já não recebem mais uma educação formal tão diferenciada. As moças pleiteiam as mesmas faculdades e ocupam espaços cada vez maiores no mercado de trabalho. Com isso, a clássica divisão de tarefas pai/provedor, mãe/rainha do lar foi modificada [...]. Isso é muito bom! A mulher poderia aproveitar essa percepção para iniciar um movimento que lhe garantisse uma posição melhor no mundo. O problema surge quando, por não enfrentar esse contexto novo com tranquilidade, a mãe começa a se cobrar e a querer fazer coisas demais, como uma espécie de punição por ter abandonado os filhos, passando tanto tempo fora de casa. Se, por um lado, a mãe que trabalha fora leva a vantagem de poder enxergar como se sobrecarrega e cria filhos folgados, por outro, corre o risco de exagerar e aumentar ainda mais a sua carga, por julgar que sua ausência lesa as crianças.

Apesar do autor fazer uma interpretação pessoal do papel da mulher na sociedade, ele aponta uma importante questão: Como a estrutura familiar atual interfere na educação dos filhos? Desta questão se pode deduzir outras como: A aprendizagem escolar possui relação com a família? Como a escola pode auxiliar, no contexto familiar, a aprendizagem dos filhos?

Cabe lembrar que, apesar da modificação no atual perfil da família, essa não deixa de ser um importante núcleo de crescimento e aprendizado com os adultos assim como para as crianças e os adolescentes.

Sobre a fundamental importância da família, assim se expressa Pestalozzi (*apud* FREINET, 1974, p. 14)

Não há livros, não há métodos artificiais que possam substituir a educação em família. A melhor história, o quadro mais emocionante visto num livro são para a criança como a visão de um sonho sem vínculos, sem seguimento, sem verdade interior. Pelo contrário, o que se passa em casa, sob os olhos da criança, liga-se naturalmente, no seu espírito, a mil outras imagens precedentes, pertencendo à mesma ordem de idéias e, portanto, têm para ela uma verdade interior.

Este autor atribui grande importância à família na educação da pessoa. Isso eu percebo nos estudantes que não enfrentam problemas familiares.

Segundo Tiba (2002), a partir das últimas décadas do século XIX, identifica-se um novo modelo de família. Pois com o fim do trabalho escravo, as novas práticas

sociais, o início do processo de modernização do país, trouxe um terreno fértil à proliferação do modelo de família nuclear burguesa, originário da Europa. Trata-se de uma família constituída por pai, mãe e poucos filhos. O homem continua detentor da autoridade, enquanto a mulher assume uma nova posição: “dona de casa”. Desde cedo, a menina é educada para desempenhar seu papel de mãe e esposa, zelar pela educação dos filhos e pelos cuidados com o lar.

Nos últimos vinte anos, várias mudanças no plano sócio-econômico e cultural, relacionadas ao processo de globalização, vêm interferindo na dinâmica e estrutura familiar e, conseqüentemente, estimulando alterações em seu padrão tradicional de organização. Embora, esse processo tenha começado com a Revolução Industrial, a interferência nas configurações familiares passa por grandes mudanças; depois da II Guerra mundial viu-se que a mão de obra feminina aumentou, em virtude da ausência masculina no mercado de trabalho.

Assim, não podemos deixar de relacionar os aspectos históricos, provocadores de alterações nas relações familiares, que incidiram nos processos de aprendizagem dos filhos.

Outro aspecto a ser ressaltado, diz respeito ao significado da escola no contexto da família ao longo do tempo. Pois, essa irá dar continuidade na educação dos filhos, sem se tornar responsável por esse processo, já que a responsabilidade maior deve ser do núcleo familiar.

Segundo Kaloustian (1988), a família é indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos, independentemente da estrutura familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia a construção dos laços afetivos e a satisfação das necessidades no desenvolvimento dos filhos. Ela desempenha um papel decisivo na socialização e educação. É na família que são absorvidos os primeiros saberes, e onde se aprofundam os laços de solidariedade.

Gokhale (1980) diz que a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. A educação bem sucedida da criança vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo escolar. A família tem sido, e será, a matriz mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas.

A família é responsável pelo desenvolvimento psicossocial e maturidade da criança, proporcionando uma sustentação necessária à individuação. Porém, só

conseguirão êxito nesse processo, famílias organizadas.

Os pais são responsáveis pela sustentação emocional dos filhos, para que estes encontrem sucesso na aprendizagem escolar, orientando-os para lidar com as frustrações em relação aos modelos de aprendizagem formal.

Os problemas vividos nas relações familiares vêm acentuando-se, gradativamente, ao longo da história. Porém, nos últimos anos, percebeu-se mudanças drásticas nas famílias. A falta de tempo, os desencontros e a solidão têm sido graves dificuldades para os adultos dentro de suas casas. E para um adolescente, que necessita de apoio e orientação, se não for na família, onde os encontrará? Nós, seres humanos, precisamos estar com os bolsos forrados de dinheiro, mas possivelmente sem saúde, e principalmente sem familiares, nossa humanidade vai esfacelando-se. Trabalhar é necessário, porém a sociedade vem impondo um ritmo frenético, no qual a competitividade obriga cada vez mais a produção e, conseqüentemente, a diminuição do tempo de convívio familiar. Antes que seja tarde, precisamos rever nossos conceitos em relação à família e à organização que esta necessita para prover um local aprazível, no qual as relações sejam agradáveis e confiáveis.

Acredita-se que em uma relação vivenciaremos a mesma situação mais de uma vez. É na família que as transformações individuais e coletivas devem ser maturadas de forma a desenvolverem-se corretamente nos padrões da sociedade em que se está inserido. Mas, isso demanda tempo de convívio.

A reorganização das pessoas em grupo é um processo constante, pois é através dele que se dá a evolução pessoal, proporcionando a cada um a estrutura necessária à formação de novas bases e identificações.

A criança precisa de afetividade e compreensão para sentir-se segura nos processos de aprendizagem. Um ambiente desfavorável provoca a depreciação do amor, do sentimento de incapacidade e, conseqüentemente, um comportamento social comprometido.

A família tem um papel central no desenvolvimento da criança, pois nela se realizam as aprendizagens básicas para o desenvolvimento escolar. A falta, ou escassez, de relações familiares adequadas, devido ao pouco tempo de convívio, provoca a carência das funções materna e paterna, fragiliza os laços amorosos.

Segundo o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente - título I, deve-se assegurar a dignidade da criança e do adolescente em família:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.  
Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (ECA, 1990).

Não devemos esquecer que todo o ser humano procura identificação e aceitação em um grupo. Se sua família não estiver provendo essa identificação e organização necessária, o adolescente vai buscá-las fora do convívio parental. Logo, surge o que Ramos (2001) denomina de aprendizagens distorcidas, podendo levá-lo à margem da sociedade, o que comumente percebemos.

A família é um sistema no qual os indivíduos desenvolvem a interação e a percepção de si mesmos e dos outros de forma complexa. É no sistema familiar que são expressas as inquietações, as conquistas, os medos e as metas pessoais. Para tanto, é necessário preservar a individualidade dos seus membros e ao mesmo tempo preservar o sentimento coletivo. Isso representa uma forma de apoio mútuo em família.

Sisto (2001, p. 100) afirma que:

[...] embora não exista uma concordância quanto ao papel desempenhado pelos afetos no processo de conhecer, é consenso o fato de que os estados afetivos interferem no cognitivo. Também parece haver uma certa concordância quanto ao fato de que as funções afetivas e cognitivas são de natureza distinta, embora indissociáveis, uma vez que não existe conduta afetiva sem elementos cognitivos nem tão pouco elementos cognitivos desvinculados do afeto.

A individuação é um processo que passa por uma necessidade de diferenciação do indivíduo, por uma condição de auto-expressão. A coesão do grupo e, ao mesmo tempo, a manutenção da individualidade, se estabelecem somente a partir de um relacionamento aberto a críticas e sugestões, no qual elas são expostas e discutidas, sempre buscando o melhor para o indivíduo e o grupo. Teoricamente o indivíduo, principalmente a criança ou adolescente, são membros garantidos no grupo, visto que o mesmo nasce e cresce nesse meio. Não basta nascer e crescer, essa criança ou adolescente necessita do apoio da família no sentido de compreender-se enquanto sujeito no grupo e saber o lugar que ocupa na vida da

família. Nesse sentido, o sujeito vai estabelecendo o desenvolvimento de sua maturidade e iniciando o processo de individuação. Poderíamos dizer que a família é uma célula reprodutora de outras. Pois, o indivíduo ao atingir a maturidade e individuação irá formar outra célula, no caso, outra família.

O papel da família vai além de prover os meios necessários à sobrevivência do indivíduo. Para o casal que decide ter filhos a responsabilidade é ampla. No sentido de que não é apenas colocar uma criança no mundo. Esta deve ter suas necessidades básicas satisfeitas e receber afeto, usufruindo dos aprendizados que lhe permitam tornar-se um ser capaz de viver em sociedade.

Se a família não oferecer a base necessária ao desenvolvimento da criança, ou do adolescente, este irá buscá-la em outros grupos. O perigo se instala nesse momento, pois, se o sujeito não encontrar apoio e atenção nos membros do seu grupo mais próximo, certamente irá buscá-los fora. Assim a fragilidade do adolescente aflora, pois o mesmo deixa de reconhecer o futuro para viver o presente, afinal, ele não vislumbra expectativas de crescimento e autonomia no futuro. Logo a família deve rever seus conceitos como grupo, caso contrário o desenvolvimento desse sujeito estará abalado e certamente a aprendizagem não se dará de forma satisfatória, pois ele enxerga apenas o momento.

Nascemos em um mundo de sons e vozes e logo percebemos a importância da comunicação humana. Assim, nossas palavras assumem um significado grandioso ao conversarmos, pois uma comunicação eficiente diminui a chance de desvios de compreensão. Portanto, é necessário haver muito diálogo na tarefa de educar. Poderíamos dizer que as relações parentais, regidas pelo comprometimento e diálogo, são essenciais para uma situação confortável entre as pessoas na família.

Há muitas maneiras de definir o que é família e o que é escola. Justamente, devido às concepções de família e escola que temos hoje, é que proponho esta pesquisa e, assim, poderemos compreender nosso papel na sociedade, seja como pais ou professores.

Segundo Sukiennik (1996), entende-se a família como sendo uma estrutura protetora e que desempenha a tarefa de orientar a criança ou adolescente de forma a favorecer o seu crescimento e aprendizado no contexto social. Com o passar do tempo, essa idéia vem sofrendo transformações até chegar ao ponto de a família deixar essa tarefa para a escola. Por outro lado, Sukiennik coloca a escola como auxiliadora da família na construção de conhecimento e formação social.

Cabem aqui alguns questionamentos: a família reconhece o verdadeiro papel da escola? Que tipo de papel a escola está desenvolvendo no contexto social e familiar?

Percebemos, hoje, que tanto a família como a escola, têm visto sua tarefa complicar-se devido às transformações que a sociedade vem sofrendo ao longo do tempo. Como consequência, observamos pais e professores queixam-se em relação tarefa de educar.

O alongamento da jornada de trabalho, devido tanto à necessidade de trabalhar mais para aumentar o rendimento familiar quanto ao crescimento das cidades, diminuiu consideravelmente o tempo que os pais dispunham para compartilhar com os filhos. Mas a criança carece de muito afeto e de uma troca com os adultos que vá além da satisfação das suas necessidades fisiológicas. A diminuição desse afeto, dessa troca, empobrece consideravelmente a criança e limita suas possibilidades de amadurecimento. Paradoxalmente, para poder satisfazer as necessidades fisiológicas e materiais dos filhos, os pais precisaram trabalhar cada vez mais, reduzindo com isto o tempo de contato direto com eles (SUKIENNIK, 1996, p. 50).

Ao analisar o contexto de relações cada vez mais distantes entre pais e filhos, vemos que certamente os filhos irão procurar, de alguma forma, suprir a necessidade de afeto, então, mesmo sem querer, na grande maioria dos casos, eles utilizam meios para atrair a atenção dos pais. Na sociedade que vivemos o contexto escolar é de fundamental importância para os pais e perturba-os constatar que seus filhos não estão bem nas atividades escolares. A criança, muitas vezes, ao perceber este fato, utiliza-se, mesmo que inconscientemente, desse artifício para mostrar aos pais a carência afetiva que está vivenciando.

A dificuldade de aprendizagem de uma criança, ou um adolescente, pode não ser mais do que uma forma encontrada de manifestar a falta, a precariedade dos vínculos familiares, nesse sentido, educar não é uma tarefa tão simples como pode parecer.

Educar vai muito além de prover os meios para a criança vir ao mundo e ser mantida nele, é um processo e, dentro desse estamos inseridos, enquanto família e escola, pois as crianças aprendem de acordo com o que vivenciam com seus modelos de identificação. Assim, crianças e adolescentes constantemente, observam, analisam nossas atitudes, nossos comportamentos sociais e profissionais. Daí a importância da solidez familiar, porque, segundo Zagury (2001), ninguém, ao vir ao mundo, sabe o que é certo e o que é errado. O ser humano ao

nascer, não tem uma personalidade definida. São os pais que têm a tarefa de fundamentar e consolidar a personalidade da criança.

Entendo como família um sistema em constante transformação, evoluindo graças à capacidade de buscar a estabilidade e, então, recuperando-a através de reorganizações de suas estruturas sob novas bases. Ou seja, a família é um sistema que passa por transformações constantes.

Percebemos isso, na mudança de uma família, ao nascer uma criança. Segundo Fernandez (1990), a criança que nasce vem preencher um lugar já preparado, mas quando nasce é uma realidade que desde o imaginário, a fantasia, desafia a realidade. Ela também destaca que quando o fracasso escolar se instala, profissionais devem intervir no sujeito que não aprende e na família, ajudando através de indicações adequadas.

Hoje, portanto, é necessário compreender que as mudanças que se manifestam nos indivíduos se dão pelas conseqüências do meio sócio-cultural que vive a família.

Precisamos ser sensíveis às particularidades de cada família e seus membros, também temos alguns dados sobre o que é essencial para o bom desenvolvimento de cada pessoa que compõe a família.

Fatores complexos contribuem para o ambiente familiar atual no qual, segundo Eizirik (2001), além da presença e da esperança, problemas sociais, como a ansiedade e a incerteza já fazem parte intrínseca do contexto da família que encontra cada vez menos verdades prontas e cada vez mais valores que, em grande medida, têm de ser construídos em conjunto.

Na formação de uma família, espera-se que as pessoas já tenham uma relativa separação emocional das famílias de origem. Isso é demasiado importante, pois facilita o processo no qual o cônjuge, na formação do novo lar, torna-se uma pessoa significativa no seu novo contexto. Porém, a maioria dos jovens só começa sua vida conjugal na dependência financeira dos pais, o que pode ser um problema. A autonomia, um dos principais desafios dessa fase, acaba ficando de lado, logo, a dependência econômica prejudica o processo de formação da nova família em termos de responsabilidade e autonomia.

Não é rara a formação de novas famílias a partir de gravidez não-planejada por ocasião do namoro, momento que seria para o conhecimento e lapidação de elos para construir uma família. Porém, a presença do bebê pode causar

instabilidade trazer insegurança ao casal em formação. Toda família em formação requer muita maturidade e, conseqüente, desprendimento em favor do grupo a ser formado.

Taille (2002), descreve que conciliar todas essas necessidades requer muita maturidade. Só se constrói harmonia conjugal com muitas renúncias pessoais, o que em nossa sociedade, praticamente não acontece, pois a cultura do egoísmo e do individualismo não prepara adequadamente as pessoas para a vida em família, para o enfrentamento das diversidades e adversidades. Essa é uma das principais razões do divórcio precoce.

Percebo que não precisamos aceitar as conseqüências desse sistema. Se isto ocorrer seremos meras “vítimas do sistema”; precisamos compreender que temos grande parte de responsabilidade no que acontece na sociedade contemporânea. Os caminhos que escolhemos são nossos e as conseqüências também. Talvez, frente a família, educação e sociedade, o que mais se precise é reconhecer a responsabilidade em relação a nossos filhos e alunos.

Outro fator importante a ser destacado é a luta das mulheres. Apesar da revolução feminista, elas ainda ficam com o fardo principal da educação dos filhos, não que isto seja responsabilidade apenas delas, sem contar com as tarefas domésticas. Os homens, por sua vez, continuam, em grande parte, a assumir a principal responsabilidade pelo aspecto econômico, o que faz com que para eles o desemprego seja moralmente catastrófico. Este, portanto, passa a ser um dos grandes abalos familiares. Outro ponto que destaco é o número crescente de mulheres descasadas que precisam, praticamente sozinhas, arcar com o sustento da família, porque seus maridos assumiram o encargo de uma nova família ou, não aceitaram a gravidez e o filho, a situação conjugal que usufruíam.

O desequilíbrio familiar pode se dar por vários motivos, e todos importantes e com implicações na vida as pessoas. Assim, devo lembrar da importância da estrutura emocional dos adultos no sistema familiar ao enfrentar abalos. Percebo que existe um importante período inicial durante o qual o casal sem filhos passa por um processo intenso, mútuo, de adaptação emocional e, se esse processo não ocorrer o casal pode não apresentar maturidade suficiente para lidar com eventuais dificuldades, o que pode gerar a ruptura da família. De acordo com Eizirik (2001), isso resulta na formação de novas famílias, e cada vez mais crianças estão vivendo nessas novas famílias, devido ao rompimento da sua família anterior. Ocorre que

esses novos lares não estão prontos para terem filhos, porém já iniciam com eles, frutos de relações anteriores desfeitas. E, segundo o autor, essa é a principal razão de 60% dos segundos casamentos terminarem em divórcio em menos de cinco anos.

Geralmente os pais apresentam mudanças significativas na adolescência dos filhos, o casal enfrenta algumas crises, que também podem abalar a aprendizagem escolar dos filhos, pois todos os indivíduos da família são afetados.

Outras razões como possíveis problemas de saúde nos avós também podem gerar essas crises. Para os pais, a crise é um momento de reflexão em que avaliam os rumos que a vida lhes tem reservado. Surgem questionamentos sobre o casamento, a profissão e a própria felicidade, também aparece a insegurança nas relações afetivas. O problema, é que nesse momento as pessoas, que formam o casal, ainda se sentem jovens para mudar, e em casos específicos, não levam em consideração as pessoas envolvidas em suas decisões, no caso, os filhos, ou mesmo o outro cônjuge. Nessa etapa são comuns os divórcios e, como consequência, as dificuldades escolares dos filhos.

Tudo isso é agravado pela mídia e pela intensa propaganda comercial sobre a vida estar apenas começando na meia idade. O estímulo a individualidade, em detrimento do coletivo, que freqüentemente é mostrado pela mídia enaltece a mudança de valores e estilo de vida. Porém essa não coloca que existem sentimentos envolvidos e, esses podem ser severamente abalados.

Muitas vezes chega ao meu conhecimento histórias de crianças e adolescentes em fase de formação de uma identidade que precisam de adultos coerentes e consistentes em suas ações, mas não as encontram. Adultos que tenham limites e saibam estabelecer limites. A maturidade é fundamental nessa fase, para que o sujeito perceba que a felicidade não está nas coisas que se podem comprar e sim naquelas que não podem ser compradas, substituídas, como a família.

Os filhos, ao passarem por tudo isso, buscam a diferenciação - buscam um espaço pessoal, ou seja, a própria identidade. Cada pessoa crescerá e se definirá através das trocas com outras pessoas e, se não for nas relações parentais, buscará isso fora do convívio familiar.

Conforme mencionei, a família de hoje vive em uma época de grandes transformações. Temos tecnologias avançadas, porém as mais graves dificuldades

são de relacionamento interpessoal, pois falta-nos a percepção da importância do semelhante ao qual estamos criando. Convivemos com o fim das verdades e com o crescente egoísmo. Compreendo que presenciamos maiores oportunidades, porém, sequer utilizamos as que possuímos.

A família, que devia ser a célula da sociedade está se esfacelando aos poucos, dando lugar ao liberalismo descontrolado, a procura de segurança no trabalho, no dinheiro, resumindo, em coisas materiais. Estamos perdidos, inseridos em um meio que não percebe a família como a base ou a sustentação para a resolução dessas dificuldades de ordem individual e coletiva.

Vejo que a descrição é sucinta e parcial, mas parece-me necessária como parte do contexto mais amplo da família nessa parte do trabalho.

Hoje, fala-se muito em relações interpessoais, porém, os conflitos envolvendo diferenças de opinião aumentam drasticamente. Portanto, precisamos de um olhar atento aos processos de mudanças individuais dentro da família, pois isso trará a maturidade necessária ao convívio do grupo.

### 6.3 AS TRANSFORMAÇÕES FAMILIARES E AS SEPARAÇÕES

A estrutura e o funcionamento familiar vêm se modificando ao longo do tempo, assim, existem momentos em que predominam as forças internas e ora as forças externas, como o nascimento de um bebê ou o casamento de um filho, com entradas e saídas no sistema familiar. Podemos dizer que as transformações familiares ocorrem por vários problemas alheios à vontade dos sujeitos envolvidos, para tanto cito o que Eizirik (2001, p. 63) defende em seu artigo sobre o ciclo vital da família:

[...] das pesquisas sobre a associação das transições familiares com mudanças no comportamento das crianças, uma lição geral sobressai: existe cada vez mais evidência para a hipótese de que muitos efeitos das transições familiares, pobreza, problemas sociais e outros fatores de risco para as crianças são provavelmente mediados pelos processos mais íntimos das relações emocionais dentro das famílias, principalmente entre pais e filhos". Enquanto todas as famílias passam por situações de estresse como doenças, divórcio, crises econômicas e acidentais, algumas delas saem relativamente ilesas, ao passo que outras desorganizam-se gravemente. Quando as questões básicas de sobrevivência não estão garantidas, como mostrou um estudo clássico no Havaí (Walsh, 1996) que

acompanhou ao longo de 20 anos a evolução de todas as crianças de um bairro extremamente pobre, constata-se que apenas 25% delas não repetiram o ciclo tradicional da pobreza caracterizado pela delinquência, marginalidade, gravidez precoce, alcoolismo e doença mental. Para entender isso, tem-se utilizado o conceito de resiliência familiar, que é um termo emprestado da Física e que significa a capacidade de um material voltar ao estado inicial depois de sofrer pressões ou deformações (por exemplo, uma mola tem alta resiliência; a argila, pouca). Parece que as famílias com mais resiliência, que enfrentam melhor as dificuldades da vida, conseguem manter um equilíbrio dinâmico entre dois grupos de características psicológicas complementares. O primeiro é formado por valores auto-afirmativos que incluem iniciativa, independência, criatividade, humor e flexibilidade. O segundo engloba as necessidades integradoras tais como visão de mundo compartilhada, cooperação, altruísmo, e espiritualidade. Além disso, os indivíduos que escaparam do ciclo da pobreza atribuíam sempre seu destino a uma mão amiga estendida por alguém.

O contexto sócio-cultural é um parâmetro indispensável para a compreensão do que se passa com a família de hoje. Fatores sociais como o desemprego, a corrupção e a violência atingem todos os setores da sociedade, principalmente a família, que desprotegida pelas Entidades Governamentais, encontra-se só para enfrentar essas desordens, em muitos casos, não está preparada para enfrentar todos esses agravantes.

Considerando o contexto que vivemos, deparamo-nos com a questão da origem de tantos divórcios. Problemas conjugais sempre existiram e vão continuar a existir, para que se resolvam essas situações, precisa-se trabalhar com o casal. O que percebe-se, são pessoas mais independentes, e também menos tolerantes. Segundo Tiba (2002), a sociedade moderna educa as pessoas para exigir o “máximo” da vida, não aceitando os limites de uma relação com o outro. No entanto, em uma separação, os sentimentos de perda são muito grandes, principalmente quando há filhos. Os sentimentos fortes de fracasso, frustração, raiva e desejos de vingança são comuns quando um casamento é desfeito, na maioria dos casos isso é transmitido aos filhos, mesmo que esse não seja o desejo nessa fase de ruptura. Existem casos, ainda que em números menores, nos quais os filhos são preservados. Deve-se destacar que isso só ocorre se houver maturidade suficiente entre os cônjuges e o divórcio se der de forma amigável.

De acordo com Gardner (1980), as separações mais difíceis, principalmente nos casamentos de pessoas muito dependentes, com história de perda familiar, despertam grandes temores na criança e sensações de insegurança e desamparo. É comum que nesse período o(a) filho(a) precise mostrar seu desagrado, mesmo que

isto seja involuntário, expondo-o através de bloqueios e retrações escolares, o que abala os pais. Um fator importante a destacar é o resultado nos estudos, pois os pais preocupam-se com a educação de seus filhos.

Esse mesmo autor diz que a maioria das crianças apresenta alguns sintomas nos primeiros anos após o divórcio, principalmente na escola.

Um dos pontos importantes é que a criança nasce “dependente”, precisa de uma família ou de um grupo que a acolha, Eizirik (2001), destaca que, na verdade, a “independência” é algo que nunca atingimos totalmente.

Vejamos o que este autor refere quanto à família e à escola:

À medida que os filhos crescem, a família gradativamente abre-se para o mundo externo, representado principalmente pela escola. Os cuidados de filhos em idade escolar exigem da família grande coesão e organização. A escola funciona como verdadeira vitrina da família, mostrando o que está indo bem e o que está indo mal. Por isso, é natural que seja a escola quem tome freqüentemente a iniciativa de encaminhar a criança para atendimento (EIZIRIK, 2001, p. 66).

Assim, tem-se evitado falar de “família normal”, pois constatamos conflitos nas gerações, o adolescente que está bem tende a um bom desempenho escolar e convive com a família em relativa harmonia. Porém, o adolescente que nessa fase apresenta dificuldades de relacionamento familiar reflete e denuncia essa instabilidade no aprendizado, com base na história de problemas familiares.

O fracasso escolar e suas manifestações podem estar associados aos problemas que, involuntariamente, impedem o aluno no processo de aquisição de conhecimento, levando-o a apresentar dificuldades, ou transtornos emocionais. Problemas complexos que, segundo Gardner (1980), advêm de influências familiares.

A criança, ou adolescente, com suas crenças e expectativas, pode não compreender claramente o que está acontecendo, sente-se culpado pelos problemas familiares. Assim, esses sujeitos negam-se o direito de saber, salienta Souza, (1995).

Destaco esta perspectiva ao tentar compreender a dificuldade de aprendizagem.

Polity (1997), acrescenta que os problemas familiares fornecem as condições para que o aprendiz não adquira o conhecimento que lhe é transmitido, por não obter “a autorização para conhecer e, portanto, para aprender, deixando, desta forma de ser considerado aprendiz” (POLITY, 1997, p. 24).

Se os pais, ou a sociedade, em sua maioria forem esclarecidos, existe a possibilidade da escola compreender e auxiliar na superação de alguns conflitos, desajustes relacionais e dificuldades escolares que seriam, sem dúvida, resolvidos a tempo.

Se a família e a escola formassem uma parceria, já nos primeiros anos escolares da criança, todos teriam a lucrar. Afinal, segundo Tiba (2002), a criança que estiver bem vai melhorar e aquela que estiver com dificuldades receberá ajuda tanto da escola quanto dos pais para superá-las.

#### 6.4 O ENSINO E A APRENDIZAGEM ESCOLAR

Ao analisar os processos de desenvolvimento e de aprendizado, Vygotsky (1991), propôs um complexo estudo sobre esse tema. Um dos pontos de reflexão, que esse autor destacou é que o bom ensino é aquele que leva ao bom desenvolvimento e Rego (1998), aprofunda esse tema. Creio que as reflexões desses autores abrem caminho para esse estudo. Esse conceito de desenvolvimento e aprendizagem, segundo Vygotsky (1991), pode ser compreendido como a distância entre o que o aluno é capaz de aprender, em seu desenvolvimento normal, e aquilo que ele não consegue desenvolver sozinho, mas consegue realizar no contexto da interação com o meio escolar e familiar, na mediação com o outro.

Penso que a família e a instituição escolar compartilham a mesma função educacional, embora uma não possa, ou não apresente, condições de fazer o serviço do outro. Nos tempos atuais, o desempenho dos pais deixa muito a desejar, principalmente, nos modelos de ensino e aprendizagem, pois isto exige prática e acompanhamento do desenvolvimento, já que a criança, ou adolescente não apresenta maturidade suficiente para enfrentar suas dificuldades sem a presença e os limites colocados pelo adulto.

Esse trabalho tem a intenção de colaborar com os professores e familiares, no sentido de mostrar que o aluno necessita de um ambiente que o estimule, pois o sujeito que aprende deve ser estimulado e acompanhado, recebendo afeto necessário no desenvolvimento da aprendizagem.

Destaco uma família disfuncional como sendo aquela que não responde às exigências internas e externas de convivência entre seus membros, com papéis pouco discriminados e modelos de comportamento inadequado.

A relação entre pais e filhos, que se mostra rígida, parece não permitir possibilidades de alternativa de crescimento e diferenciação. Com isso ocorre um bloqueio no processo de comunicação familiar.

A aprendizagem demanda pesquisa, mas como pesquisar se não há apoio e, por falta desse, motivação. Logo, esse trabalho quer sensibilizar a sociedade com relação a aprendizagem, esclarecendo e mostrando situações nas quais temos tido altos índices de enfraquecimento no desempenho escolar.

É possível planejar ou mesmo executar o processo de educação escolar independentemente das condições familiares?

Essa questão merece um tratamento cuidadoso, que leve em conta aspectos sociais e culturais. A aprendizagem é um processo individual, mas se dá no contexto sócio-cultural no qual o indivíduo está inserido, promovendo uma articulação entre a inteligência e as experiências afetivas do aprendiz.

Drouet (1995), refere-se à importância do ambiente familiar quanto à influência que exerce, de forma decisiva, na formação da personalidade da criança, através da transmissão, de forma sistemática, dos usos e costumes de gerações anteriores. Segundo o autor, o desenvolvimento da personalidade se deve tanto ao fator genético, quanto à aprendizagem que é adquirida na interação física e social com o meio.

Quanto à escola, segundo Marturana (1997), ela pode contribuir para diferentes trajetórias de desenvolvimento. No sentido positivo, através do acesso à educação básica, a criança pode alcançar estágios cognitivos mais elevados. Essa condição lhe possibilitará melhores oportunidades profissionais.

O ato de aprender não ocorre de forma solitária, é um processo vincular que exige interação. Vivemos em um modelo de sociedade no qual os saberes são discutidos e, de certa forma, possibilitam a reconstrução de saberes anteriores. Essa troca de informações proporciona à pessoa chegar a conclusões sobre saberes em construção. De acordo com Alosp (1999), a aprendizagem se dá em um contexto social, no qual as possibilidades de troca de informações são exercidas proporcionando o crescimento do grupo.

Percebemos que, na medida que a criança consegue corresponder às solicitações escolares, desempenhar o seu papel de aluno, realizar as atividades propostas e preparar-se para as avaliações, cresce nela a auto-estima e a confiança em sua capacidade para lidar com os desafios que surgem, tanto no ambiente escolar como fora dele, o que, naturalmente, vai estimular a busca pelo aprender por si mesma, a autonomia.

Para que o sujeito participe, exponha seus saberes e incertezas, ele precisa pertencer a um grupo e sentir-se aceito nele. Essa aceitação fará com que este se assuma como autor de idéias, tenha convicções, estabeleça diálogos reconstrutivos e aprendizagens.

Cada um possui uma forma diferente de organizar-se, seja social ou mentalmente. Porém, a criança ainda não o faz com responsabilidade. Na aprendizagem não é diferente. Cada sujeito, inserido em um meio, deve compreender o seu modo de organização, suas possibilidades e modalidades de aprendizagem.

Todos têm condições de discernir entre o que é certo ou errado e, frente às possibilidades de escolhas à disposição, tornarem-se responsáveis por seus atos. Porém, uma criança em fase de maturação psicossocial relativamente dependente dos cuidados dos outros, não pode ser responsabilizada por seus fracassos. Isso deve ser repartido com seu grupo familiar, com as pessoas que a orientam quanto às escolhas e às possíveis conseqüências de seus atos, que lhe transfiram responsabilidades. Seu desempenho escolar deve ter uma “co-responsabilidade” com os pais.

Já um adolescente precisa começar a assumir responsabilidades sobre seus atos e escolhas. Para que isso aconteça, a família deve promover os meios para que este se sinta seguro ao iniciar o processo de individuação e separação progressiva das relações familiares. Deve-se lembrar que esse processo não se dá do dia para a noite. A adolescência é um período que demanda amadurecimento no grupo familiar e, principalmente, no jovem, para formar a sua identidade pessoal. Por isso é um processo que deve ser acompanhado de perto pela família e não basicamente pela escola, como tem ocorrido em muitos casos.

É necessário destacar a grande importância dos adultos, inicialmente os pais, na educação das novas gerações. Isso também se refere a participação na vida escolar do filho. Se por um lado a família começa a abrir mão de suas obrigações

elementares, enquanto segmento responsável pela orientação e conduta básica do indivíduo, por outro, a escola incentiva e acolhe esta opção, não fazendo, muitas vezes, nenhum chamamento que destaque a importância da presença dos pais.

Assim, a escola se coloca em uma posição cômoda, pois não necessita dar satisfações de sua diretriz educacional às famílias. Isso é uma irresponsabilidade que existe ainda hoje: deixa de comunicar aos pais os principais acontecimentos da vida do filho, não assume seus próprios equívocos, deixa de se comunicar com os pais por saber que isso demanda esforço e acaba por fechar-se em si mesma, não toma decisões em parceria com os pais sobre o melhor método educacional para o filho.

Os pais, por sua vez, assumem um distanciamento da vida dos filhos no que diz respeito à escola. Para muitos, não participar é mais interessante, uma vez que têm outras atividades que não podem deixar de assumir. Para a escola, a ausência da família significa que pode decidir sozinha, levar em conta seus próprios interesses. Assim, a família ausente, ou seja, aquela que transfere alguns compromissos que seriam seus para outros setores, faz com que esses acabem se ocupando, nem sempre de forma adequada, da educação da criança e do adolescente, como as escolinhas de esportes, centros musicais, academias esportivas, etc.

O dever da família em relação ao processo de escolaridade e a importância da presença dos pais ou responsáveis, no contexto escolar, é publicamente reconhecido na legislação nacional e nas diretrizes do Ministério da Educação aprovadas no decorrer dos anos 90, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - 1990). Logo, a escola tem o dever de auxiliar a família no sentido de dar apoio e orientação quanto ao processo de ensino e aprendizagem dos filhos.

## 6.5 OS PROBLEMAS FAMILIARES E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Ninguém possui as mesmas capacidades frente as demandas escolares.

Na escola e na vida familiar, cada um apresenta formas diferentes de aprender e em tempos diferentes. Devemos lembrar que os comportamentos são

distintos de pessoa para pessoa, porém cada um apresenta motivos para o seu modo de ser. Precisamos compreender cada sujeito e fornecer os meios necessários ao desenvolvimento de cada um dentro de seu contexto. Isso não é uma tarefa fácil.

Muitos pais não impõem limites e permitem que seus filhos tenham uma vivência social permissiva. Esses possivelmente apresentarão conflitos comportamentais, deixando de considerar a importância dos conhecimentos escolares, pois não acreditam em sua capacidade de aprender. No entanto, o motivo é a falta de limites a intolerância as regras a que ficam submetidos nos relacionamentos com colegas e professores. Esse sujeito não foi educado para tolerar a realidade e as suposições da vida social.

Tenho percebido, ao longo da prática em educação, que alguns indivíduos mais retraídos, e com dificuldade de aceitação no grupo, acabam se refugiando em seus saberes pessoais, mostram inibição cognitiva, resistência em mudar e não aprendem os conteúdos escolares. Como não possuem uma organização intelectual e afetiva delimitadas com parâmetros externos, ao exporem suas idéias ao grupo, são ridicularizados e, como não sabem lidar com a frustração, ou mesmo não possuem uma argumentação para defenderem suas idéias, acabam partindo para a ignorância, para atos de agressão, pois a ação predomina sobre os pensamentos. Estes, na grande maioria das vezes, arrependem-se de seus atos, porém a impulsividade do comportamento domina a lógica, a objetividade.

Toda criança e adolescente necessitam orientação.

O adulto, no caso os pais, têm o dever de orientar seus filhos a desenvolver hábitos frente aos estudos. A tarefa de educar não cabe somente a escola, embora também seja um dos seus papéis. A participação da família na escola é fundamental para o bom desempenho escolar.

É preciso ter bem claro o que entendemos por participar. Muitos podem ser os significados dessa palavra. Acredito ser necessário que conheçamos as razões pelas quais as famílias não têm correspondido ao que educadores esperam com respeito a sua participação na escola. Precisamos conhecer as razões e investigarmos as causas em relação à falta de participação de modo que esse conhecimento torne-se público e todos sintam a necessidade de fazer parte do processo.

É importante destacar que o MEC instituiu a data de 24 de abril como Dia Nacional da Família na Escola. Isso significa que nesse dia as escolas deveriam convidar os familiares de alunos para participarem das atividades escolares. Afinal, se os pais se comprometer, não apenas com a criação e sustento, mas sim com a educação dos filhos, eles aprenderão mais.

Nas Séries Iniciais deve-se analisar se a criança está construindo de maneira satisfatória, seu aprendizado. Aprender não significa decorar ou mesmo exercitar situações prontas, aprender significa estabelecer relações e a partir destas reconstruir novos conhecimentos. Propor atividades que desenvolvam o aprendizado, é uma tarefa tanto da escola como da família e ambas necessitam de apoio para fornecer os subsídios necessários ao desenvolvimento das dimensões intelectual e afetiva em relação a aprendizagem do sujeito.

Andolfi (1984, p. 19) diz: “Podemos admitir que, para atingir a diferenciação - para encontrar espaço pessoal, a própria identidade - cada pessoa crescerá e se definirá através de trocas com outras pessoas”.

A criança que enfrenta o fracasso escolar é tida como “desligada”, “preguiçosa” e é tratada, muitas vezes, com menosprezo pelo professor, geralmente é deixada de lado.

Assim, sente-se a única responsável por sua incapacidade, tornando-se apática e indiferente ao que se passa ao seu redor. Fica privada de sentir o prazer da descoberta, da criatividade, do enriquecimento pessoal. Normalmente, os pais não sabem como ajudá-la, e apoiando-se na opinião da professora despreparada, também responsabilizam a criança pelo problema.

A capacidade de enfrentamento dessa situação por parte da criança, depende principalmente das condições da família e da própria criança (MARTURANA, 1997).

Muitas vezes, a família ignora, ou têm uma noção precária, que seu papel é significativo no suporte que deve oferecer aos seus filhos para torná-los capazes de obter o sucesso escolar.

Para que a criança exponha suas frustrações, ela precisa sentir-se segura em relação à sua família. Ninguém acerta todas, ou erra. Na vida fazemos escolhas certas e erradas, o fato é que para cada uma delas existem conseqüências. A criança só terá confiança em falar sobre suas derrotas ao sentir-se aceita e orientada dentro de um convívio saudável na relação parental.

Somente em famílias onde há diálogo e aceitação, ou seja, famílias organizadas, esse processo se dá de forma tranqüila e equilibrada. Assim, percebemos que coesão é um passo fundamental para o grupo no processo de individuação do sujeito. Segundo Andolfi (1984), em famílias saudáveis, a diferenciação individual e a coesão grupal são garantidas pelo equilíbrio dinâmico estabelecido entre os mecanismos de diversificação e estabilização.

A rigidez dos adultos é outro fator que preocupa. O sujeito em desenvolvimento, tratando-se de uma criança ou adolescente, quando acuado retira-se para o seu mundo individual e não tem maturidade adequada para lidar com esse tipo de situação. Nesse momento o sistema está abalado e o grupo incapaz de reconhecer seus conflitos.

Somente a família que desenvolve o hábito de conversar e expor as situações vivenciadas saberá trabalhar com a verdade. A falta de comunicação proporciona o aparecimento de meias verdades, pois a desconfiança e o desconhecimento das possíveis ações frente à exposição da verdade dá lugar à insegurança e confusão ao se tomar decisões sobre a forma de agir.

Ninguém retribui carinho com agressão. O ser humano busca refúgio em quem o compreenda e ofereça gestos de amor, de aceitação. Assim, o lar deve ser um lugar de aconchego e harmonia, com isso, não quero dizer que não haverá discórdia, porém o amor e a maturidade familiar serão os responsáveis pelas escolhas e estruturação psíquica e social.

Crianças, ou adolescentes, que não possuem a confiança necessária na família irão esconder seus fracassos. Isso é grave, pois a família deve ser conhecedora de todas as situações que os afligem. Situações como esta, fazem os problemas pessoais da criança, ou do adolescente, piorarem. Os nossos sentimentos são facilmente percebidos através da nossa fisionomia e comportamento. Segundo Gardner (1980, p. 53), “as pessoas têm vários tipos diferentes de sentimentos e cada um deles se mostra de uma forma especial. A felicidade é um sentimento que aparece quando as coisas estão indo bem para nós”. Logo, é importante que a família esteja atenta, pois assim como a felicidade é facilmente percebida, o sentimento de tristeza também é visível. Penso que desta forma poderemos, tanto escola como família, dar a atenção necessária ao educando.

## 6.6 EDUCAR É UM PROCESSO COMPLEXO QUE EXIGE EQUILÍBRIO

Na sociedade fala-se muito em limites. Porém, a criança não aprende a ter limites individualmente, é necessário um grupo de pessoas orientando-a em seus desejos e vontades, mostrando como ela deve agir frente às situações encontradas, sejam estas dificuldades ou vitórias. Logo, a criança sem limites não sabe lidar com as emoções e com o convívio social, isso se torna inadequada e, essa situação, claramente é percebida na escola. É nesse momento que a noção de valores familiares fica exposta à sociedade.

Os limites devem ser vivenciados na família, na casa de cada sujeito, criança, adolescente ou adulto. Hoje, nos bancos escolares, o que mais se percebe é a falta de limites nas relações familiares, isso se torna claro na escola. Famílias disfuncionais facilmente demonstram suas irritações e sentimentos descontrolados através das comunicações dos estudantes em sala de aula. As crianças e adolescentes que vivenciam esse tipo de relação expõem facilmente essa irritação, extrapolando limites, pois não conseguem conviver com as diferenças familiares. Segundo Zagury (2001), o mesmo ocorre com crianças e adolescentes que não aprenderam a lidar com a perda, quando um familiar morre, ficam assustados com a possibilidade de ficarem sós. Nesse instante o restante da família deve dar o devido apoio, no sentido da criança perceber que não está só.

Os pais são os responsáveis pelo ensinamento de valores. A escola também deve ajudá-los, porém a responsabilidade é do grupo familiar, os pais ou cuidadores são insubstituíveis. Proporcionar a individuação e a aceitação de valores é um processo longo que passa pelos relacionamentos no grupo familiar, e este, deve influenciar positivamente o indivíduo em desenvolvimento, de forma que este aprenda a interagir com meio social no qual vive.

Os pais, ou cuidadores, são responsáveis pelos ensinamentos que a criança necessita para que aprenda a fazer as escolhas corretas. Isso vale para a vida social, afinal, temos que escolher até os tipos de companhias que, se mal escolhidas, influenciarão negativamente as condutas sociais. Toda a criança necessita aprender a lidar com as frustrações e dificuldades, em outras palavras, deve aprender a crescer, ter a maturidade individual necessária para superar momentos de desequilíbrio e frustração diante da realidade.

Educar gera situações inesperadas e complexas, logo, o trabalho não é fácil, demanda paciência o tempo todo. Para tanto, o educador precisa agir com segurança e demonstrar maturidade e sabedoria ao lidar com as situações. Zagury (1994. p. 75) diz: “Administrar conflitos é uma arte e um exercício de paciência. Porque o antigo dito popular ‘ensinar é repeti’ assume, na relação com os filhos, uma dimensão infinita.”

Ninguém gosta que seus pontos fracos sejam expostos ou mesmo criticados, principalmente a criança e o adolescente. Logo, em família, deve-se agir com elogios e incentivo, verdadeiros. O fato de se elogiar não significa deixar de lidar com as dificuldades, porém deve-se dar ênfase aos pontos positivos nos momentos de conversa em grupo. Segundo Zagury (2001. p. 66), é importante que se aja com equilíbrio; exageros sempre soam de forma falsa; tanto o elogio quanto o prêmio devem ser adequados à dimensão do ato.

Educar é um processo complexo e difícil. Quem ensina, aprende. O aprender, por sua vez, tem seu fundamento na individuação do ser. Porém essa complexidade se reduz quando a escola e a família estão juntas em um mesmo ideal.

As pessoas estão distanciando-se mais, mas continuam casando-se e recasando-se. Portanto, a complexidade do que se entende por família tem aumentado. O ser humano precisa de segurança afetiva, ainda não encontrou a melhor forma de conviver e de criar filhos. É pena que estes estão sendo prejudicados em virtude do despreparo e de buscas pessoais.

Um fator importante para destacar é a liberdade pessoal no meio familiar. Mas deve prevalecer a máxima: “liberdade com responsabilidade”. Esse é um tema que pode gerar conflitos entre o adolescente e os pais, que precisam saber ter flexibilidade e bom senso frente àquele. Ele ainda não está completamente formado, ora porta-se como criança, ora como adulto. Os adolescentes cobram privilégios, e a família insiste principalmente nas responsabilidades. Acredito que ambos devem concorrer paralelamente, não privilegiando-se um em detrimento do outro.

Se há proibição, é porque há desejo. Desta forma, destaque-se que todo o homem merece respeito, inclusive as crianças. Percebo que, antes de falar das crianças, como seres “sem limites”, é preciso reconhecer que inúmeros adultos carecem desses limites. Acredito que isso ocorra não somente de forma individual, mas na sociedade de um modo geral.

Liberdade não significa descumprir leis, pelo contrário, as leis vêm em nossa defesa. Logo, a liberdade não deve ser entendida como total ausência de leis, algo que muitos pensam.

Hoje, os adultos não têm mais tanta certeza de que limites bem explicados garantem sucesso e felicidade. A não-colocação de limites, no meu modo de ver, significa o descompromisso em relação aos filhos e à sociedade. Dar liberdade pode significar dar demasiada responsabilidade, ressalta Taille (2002). É pena que ao se falar em limites para as crianças e adolescentes, seja preciso reconhecer que, antes, inúmeros adultos necessitam deles nas suas relações pessoais, para depois poder colocá-los em prática na família. Concluo o exposto acima, destacando que nenhum homem é superior, nossos direitos e deveres são iguais, principalmente em relação aos filhos e, por que não dizer, alunos.

## 7 METODOLOGIA

Esta pesquisa desenvolveu-se numa escola de Ensino Fundamental e Médio de Porto Alegre. Foram analisados casos de cinco alunos, previamente selecionados por um Orientador Escolar de 7ª e 8ª séries, do Ensino Fundamental, de 1º e 2º ano, do Ensino Médio.

O critério para seleção dos alunos, com suas respectivas famílias, foi combinado com o Serviço de Orientação Escolar (SOE). Levou-se em conta o rendimento na aprendizagem escolar de cada estudante e suas respectivas dificuldades. Os que foram selecionados, juntamente com os familiares, aceitaram participar desse trabalho. Os estudos dos casos realizaram-se com o grupo familiar, a partir de entrevistas estruturadas e contaram com a participação de todos, pais e filhos.

Os encontros aconteceram nas casas dos alunos.

O SOE, Serviço de Orientação Escolar, selecionou as famílias que, aparentemente, apresentavam algumas desordens em termos vinculares. Esse Serviço fez o primeiro contato com os referidos grupos, o que ajudou e possibilitou a compreensão dos mesmos a respeito do que fariam na realização desse trabalho. Isso facilitou e auxiliou os primeiros encontros, assim como favoreceu a aceitação das famílias quanto aos objetivos da pesquisa.

Os métodos utilizados nesse trabalho foram os seguintes:

- a) contato com a escola, Serviço de Orientação Escolar, no qual demonstrei a relevância dessa pesquisa para entender o desempenho escolar dos alunos. O SOE acolheu essa solicitação por compreendê-la recomendável, já que a escola deve conhecer as dificuldades dos alunos, principalmente, às que advêm de questões familiares, (ver Anexo A) apresenta-se a autorização para realizar a entrevista;
- b) levantamento das características familiares, dados fornecidos pelo SOE, relacionadas com a aprendizagem escolar dos alunos.

Nesse processo percebi a importância do Serviço de Orientação Educacional organizado e empenhado, para compreender as realidades e necessidades dos alunos com dificuldades de aprendizagem.

c) elaboração da entrevista para as famílias. Tive o cuidado para formular poucas perguntas, com informações necessárias, para não expor, ou trazer constrangimento aos familiares. Dessa forma, os questionamentos foram cuidadosos, mas possibilitaram que cada um descrevesse seu envolvimento na aprendizagem dos filhos. Inicialmente foram solicitados dados de identificação como:

- número de pessoas na família;
- situação econômica (trabalho);
- condições psicossociais (situação do casal, responsabilidade sobre os filhos).

Com os dados de identificação foi possível visualizar as condições econômicas, sócio-culturais e também compreender a dinâmica familiar, por exemplo, se o casal mora junto, quem desenvolve a função organizadora da família. Isso ocorreu informalmente, em conversas preliminares a entrevista, evitando a exposição da família, porém norteando a conversa para que fosse possível compreender o papel dos pais nas questões educacionais.

A seguir, vieram os questionamentos sobre as relações familiares e aprendizagem escolar. Essas questões eram expostas de tal forma que evitassem o constrangimento das pessoas envolvidas. Essa forma de abordagem facilitou a confiança e também a descontração do grupo.

As questões da entrevista foram as seguintes:

- 1) Como se estabelecem as comunicações em termos de regras, organização de tarefas, hábitos de estudo?
- 2) De que modo percebem as influências das vivências familiares sobre o desempenho escolar do seu filho(a)?
- 3) Como mantém a individualidade de cada membro da família considerando os limites e potencialidades de cada um?
- 4) Que estímulos são oferecidos para aperfeiçoar as capacidades e interesses demonstrados pelos filhos?
- 5) Qual a relação mantida com a escola, os professores, tendo em vista o rendimento e a participação dos filhos nas atividades escolares?
- 6) Que aspectos você considera importantes e a melhorar em termos de vínculos familiares para o crescimento e amadurecimento pessoal e escolar do seu filho(a)?

Após a entrevista, com todos os dados necessários à compreensão da realidade da família, foi possível elaborar um texto de análise qualitativa. Segundo

os estudos de Moraes (2002, p. 191),

a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação, isto é, não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão.

d) Análise do material coletado, com base nos objetivos, problema e questões de pesquisa para realizar essa dissertação.

Nessa fase do trabalho foi solicitado, com um termo de consentimento, a autorização das famílias. Suas identidades foram mantidas em sigilo.

Durante as etapas de realização desse estudo, elaborou-se um relatório, com a coleta e análise dos dados, como uma espécie de retorno ao ponto de partida, na busca de novos questionamentos para serem refletidos e considerados. Algumas situações, durante a entrevista, não foram completamente expostas, pois em uma dessas entrevistas o clima ficou constrangedor diante das discussões que se estabeleceram entre pais e filho.

Um dos participantes declarou que “é vendo e ouvindo sobre o erro dos outro que se aprende”.

Segundo Ramos (1999) as entrevistas devem ser gravadas e posteriormente degavadas, o que facilita a compreensão das informações e o favorecimento na formação do texto, a partir da escuta dos participantes do processo.

A ida as casas dos estudantes, favoreceu a comunicação e a compreensão das relações familiares, bem como a verificação da situação econômica do grupo, seus hábitos, potencialidades, capacidades e o relacionamento da família com a escola na qual os filhos estudam.

Com essa estratégia foi possível conhecer cada grupo familiar, as relações existentes entre as pessoas e as possíveis causas das dificuldades de aprendizagem dos filhos.

Assim, organizou-se a análise das informações contidas nas entrevistas, destacando as particularidades de cada família em relação aos processos de ensino e aprendizagem.

## 8 ANÁLISE DESCRITIVA DAS ENTREVISTAS

Como forma de proteger as famílias, que aceitaram participar dessa pesquisa, irei chamá-las de famílias A, B, C, D e E, seus nomes são fictícios.

A medida que apresento cada grupo, também analiso o material comunicado pelos membros da família com base nos referenciais teóricos que sustentaram essa pesquisa.

Em todas as situações apresentadas o(a) filho(a) tem dificuldades de aprendizagem na área da Matemática, assim como em outras disciplinas.

### **a) Família “A”**

Essa família é composta pelos pais e cinco filhos, dos quais três são adotivos. O casal mora junto e mostra dificuldades na educação dos mesmos. Pareceu-me que os adultos não fazem distinção entre os filhos biológicos e os adotivos.

Irei deter-me em um membro da família que será chamado “João”, 13 anos, aluno da 6ª série do Ensino fundamental. O mesmo não apresenta nenhum motivo aparente para suas dificuldades, porém seu aprendizado não se desenvolve de maneira satisfatória, na perspectiva escolar.

Devo destacar a ausência da matriz familiar biológica e a conseqüente repercussão dessa separação no que se refere ao seu aprendizado. Penso que essa separação pode ter ocasionado certa falha na construção da subjetividade e por conseqüência na aquisição do conhecimento. Acredito ser necessário salientar o empobrecimento pessoal de João em relação aos seus irmãos. Tal situação pessoal pode ser devida ao sentimento de abandono sofrido na infância.

João tem todas as condições necessárias para o bom desempenho escolar. Estuda em escola particular em zona nobre de Porto Alegre. A família passa por certos problemas, pois mora em uma casa alugada. Os ganhos dos pais não são suficientes para ter uma vida confortável, têm limitações, principalmente no lazer, mas procuram não deixar faltar nada para seus filhos, principalmente no que se refere aos estudos e à alimentação.

Essa família considera as regras fundamentais em uma grande família. Elas são as mesmas para todos os filhos, sejam biológicos ou adotivos. Na casa cada um

possui suas tarefas e responsabilidades e estas, segundo eles, devem ser rigorosamente cumpridas.

Quanto aos estudos, cada um tem o dever de estudar pelo menos duas horas a cada dia. Nos períodos de avaliações esse tempo aumenta de acordo com a necessidade de cada um.

João não gosta de estudar, então é liberado das tarefas domésticas para fazê-lo. Essa foi uma forma que os pais encontraram de incentivá-lo a estudar.

Na visão dos pais é muito importante completar o Ensino Médio para poder se encaixar no mercado de trabalho.

Essa família considera que é importante estreitar os laços de conhecimento entre pais e filhos, especialmente para conhecer a vontade de cada filho no que se refere a uma profissão.

João quer ser um policial e esse desejo é estimulado pela família. Os pais conseguem orientá-lo de forma que dê continuidade aos estudos, mesmo com os problemas que enfrenta em relação ao abandono sofrido por parte da família biológica, o que o torna resistente à aceitação do amor dos pais adotivos. Ele enfrenta dificuldades de relacionamento dentro da família, e em determinados momentos não consegue chamar a mãe por este nome. Ele está em tratamento psicológico para aprender a enfrentar situações que o desagradam relacionadas a professores e colegas. Parece não tolerar frustrações.

O desejo de João de ser policial pode ser em função do que passou na infância. Seu desejo de segurança e, possivelmente, de encontrar na lei algo que lhe proporcione segurança devido a sua vivência infantil de maus tratos e abandono. Acredito que, com o passar do tempo ele possa encontrar essa segurança na família que o acolheu como filho.

Percebi um sentimento filial precário em João. Destaco que esses pais o adotaram e lhe proporcionam todas as condições necessárias para que ele se sinta como filho, mas parece que João ainda não consegue os adotar como pais, embora essa relação esteja em processo avançado e logo possa acontecer.

Segundo Maldonado (1995), a constituição do caráter na infância, vai estar presente pela vida toda. Um tipo problemático, rebelde, pode tornar-se assim devido a uma história de vida na infância. Os sentimentos de João apóiam esta hipótese, possivelmente por ainda não expressar sentimentos de aceitação e afeto por seus pais.

É importante salientar que esses pais relataram que o amor e o carinho que João encontrou fizeram diferença na vida dele. Desta forma, hoje João já os vê como sua família e possivelmente breve os verá como pais.

Vargas (1994), investigou as dinâmicas familiares de adoções tardias, ele afirma que elas têm características especiais que necessitam ser observadas; com a devida preparação e acompanhamento, mas estas adoções são perfeitamente possíveis. Nas palavras dele: “Na adoção tardia, tanto como na vida, as chances de sucesso ou fracasso das relações dependem da capacidade de suporte, de entrega, de trocas afetivas profundas, verdadeiras, entre os protagonistas”.

João é uma criança batalhadora e sempre procura ajudar, mas é necessário ter seus limites bem determinados. Se deixado à vontade, apresenta reações das quais se arrepende posteriormente. Percebi que os pais respeitam essa característica de João, porém mostram-lhe a necessidade de auto-controle como algo fundamental para a profissão que almeja.

Alguns estudiosos desse tema procuram destacar a preparação e o apoio na adoção Andrei (1977); Maldonado (1995); Motta (1997); Vargas (1994). Ressalto que, de acordo com esses autores, na verdade, a “preparação” deveria acontecer com todos aqueles que pretendem ter um filho, mesmo que esse seja biológico, mas isto poucos levam a sério. O que quero esclarecer, de acordo com o que penso, é que não há famílias perfeitas, por não existirem pessoas perfeitas e, se houvesse, como elas seriam?!

Conversei com alguns pais adotivos, porém não possuo registros, e penso que muitas vezes o tipo de escolha realizada na adoção sugere que haverá uma situação ideal, e, realmente, essas famílias esforçam-se para conseguir o filho pretendido. De acordo com Maldonado (1995, p. 20), o ato de adotar envolve uma enorme responsabilidade e o medo de errar deve ser muito grande. Na maioria das vezes, para esse autor, “os candidatos à adoção não passam por uma conscientização e apoio frente à sua decisão, mas somente por um processo de cadastramento e seleção”.

Apesar dos poucos recursos de que dispõem, os pais dessa família procuram incentivar os filhos a buscar informações sobre o que pretendem do futuro em relação à profissão. Nos relatos, percebi que os pais querem muito que os filhos completem pelo menos o Ensino Médio. Destacaram que é importante completar o Ensino Médio ou um curso técnico para poder trabalhar e ter recursos para fazer

uma faculdade, já que não possuem recursos para o pagamento de uma. Hoje eles não vêem condições para seus filhos fazerem uma faculdade pública, pois julgam que esta seja para quem possui condições financeiras de “bançar” os filhos apenas estudando, o que não é o caso deles, segundo suas comunicações.

Estes pais procuram acompanhar o rendimento dos filhos na escola, porém, pareceu-me um acompanhamento ocasional, que acontece quando há uma entrega de boletins. Não há uma procura sistemática pela escola para ter retorno claro do desenvolvimento de João. O pai destacou que quando João está mal em uma disciplina, ele se recusa a estudá-la, possivelmente por não saber lidar com a frustração. Para sanar esse problema, existe uma espécie de aconselhamento sobre a necessidade de maior dedicação na disciplina em que está com baixo rendimento. O fato de João não querer estudar a disciplina que não está tendo bom rendimento pode ser por uma possível negação quanto a dificuldade ou negação da realidade em virtude de não saber lidar com o insucesso, tendo como possível consequência o abandono da disciplina.

Os pais não possuem dificuldades de relacionamento com a escola. Sempre foram bem atendidos, inclusive com aulas de reforço. O que é frustrante para a família é a questão financeira que os restringe quanto as atividades pedagógicas em que há custos, como passeios, por exemplo.

Fazendo uma auto-análise, a família concluiu que possivelmente precise de uma integração maior. Como a família é muito grande, torna-se complicada essa integração em função das necessidades relacionadas ao trabalho. A mãe quase não pára em casa, devido às suas tarefas profissionais. O pai nem no final de semana dispõe de tempo, mas considera que isso seja fundamental em uma família, pois trata-se da educação dos filhos.

## **b) Família “B”**

A composição familiar desse grupo é pai, no caso padrasto, cerca de 20 anos mais velho do que a esposa, mãe biológica, a filha, que chamarei de “Ana”, e a avó, que no fim da vida é cuidada pela filha e neta. Ana é uma garota de 17 anos e está no 2º ano do Ensino Médio de uma escola particular de Porto Alegre.

Moram todos juntos, porém apresentam um histórico familiar que cabe ressaltar. Os pais na juventude foram namorados, casaram-se e separaram-se em

virtude do rompimento matrimonial por parte da mãe. Esta, separada, gerou a filha proveniente de outro relacionamento. Foi abandonada pelo pai biológico de Ana e, sem ter como sustentar-se e a filha, voltou para o marido, que a aceitou juntamente com a filha. A menina cresceu em meio a um relacionamento conturbado, sua mãe assumiu o alcoolismo, vício que carrega desde a juventude, hoje se diz em recuperação. Sua avó, por problemas de saúde, passou a morar junto, necessita de cuidados especiais em virtude de problemas visuais provocados pela diabete.

Pareceu-me que o padrasto gosta da “filha”, mas cobra além das possibilidades que esta pode oferecer. Ana é responsável por cuidar de sua avó e resolver problemas ocasionados por sua mãe, que, aparentemente, apresenta um transtorno emocional e faz tratamento psiquiátrico.

Possuem uma condição financeira razoável, sem aparentar necessidades. Moram em um bom apartamento, amplo e com boa qualidade.

A família praticamente não conversa, o pai é o único que trabalha para manter o nível familiar. Sai cedo e chega tarde, querendo apenas relaxar.

A mãe relatou que cobra da filha boas notas, mas esta não responde às suas cobranças por não gostar de estudar. Nessas palavras da mãe, percebe-se que a cobrança é maior que o incentivo, que provavelmente não há.

Quanto à organização de tarefas, Ana é esforçada, pois controla a casa e os compromissos escolares, mas não demonstra bom rendimento em relação ao que é cobrado pela escola.

Mencionaram que sempre procuraram oferecer o melhor à filha, aconselhando-a a ter bom desempenho escolar. É importante ter apoio e destacaram perceber a responsabilidade da família na educação, por isso pagam uma escola particular que a eduque e ofereça as condições necessárias.

Sobre o ambiente familiar em relação ao desempenho escolar, Fergusson e Cols (1996), apontam indicadores de desvantagem na aprendizagem de alguém em meio a um grupo com problemas não resolvidos. Desta forma, penso que o grupo com problemas tem seu ambiente de desenvolvimento prejudicado pela presença de circunstâncias adversas não resolvidas, que afetam e geram insegurança, receio e dúvida.

Pareceu-me que nem o padrasto, nem a mãe possuem serenidade suficiente para compreender e poder expressar-se sobre o relacionamento familiar. Parece não haver sintonia familiar, apenas moram juntos sem responsabilidades maiores.

Acredito que isto ocorre devido à sua história passada. Trata-se de uma família disfuncional, com vínculos frágeis e denegridos por situações do passado que levaram à separação e à conseqüente desorganização familiar hoje vivenciada.

Quando questionei sobre como é tratada a individualidade de cada pessoa da família, houve um desabafo do pai ao expor a falta de comprometimento da mãe na educação de Ana. O padrasto fez o seguinte comentário: “como alguém irá conhecer limites se não lhe é ensinado?”

Acredito que o respeito à diferença e reconhecimento praticamente não existem nessa família. O que existe em grande escala é cobrança de resultados e a interferência, privando a individualidade de cada sujeito. Creio que isso ocorra por conseqüência da condição familiar no passado, refletindo-se no presente.

Quando analiso as falas específicas dessa família e o conhecimento que adquiri sobre os mesmos, eles mostram-me que essa desvantagem de Ana pode estar presente em diferentes aspectos da vida familiar. Percebo que Ana sofre de um acúmulo de condições adversas que podem estar deixando-a vulnerável a ponto de não progredir na aprendizagem. Rutter (1977) destaca que o acúmulo de funções pode provocar baixo rendimento escolar, pois nessa fase da vida crianças ou adolescentes, ainda não estão prontos para lidar com muitas situações ao mesmo tempo. Acredito ser o que está acontecendo com Ana. Também ressalto a confusão de papéis e os ressentimentos que talvez não foram elaborados pelos adultos

Quanto à necessidade de estudo de Ana, declararam ser importante para o seu futuro.

Novamente, pareceu-me não haver incentivo algum. O que fica claro são as cobranças sem uma meta definida para as mesmas. Essa família aparenta apenas morar sob o mesmo teto e conviver diariamente com um erro do passado.

Quando foi abordado o tema escola, a mãe destacou que nem sempre comparece na escola quando é chamada. Disse que sua saúde é precária e não pode deixar sua mãe só, no caso a avó de Ana. O pai afirmou que a escola é cara e deve fazer a parte dela em ensinar.

Não conhecem os professores, pois geralmente tratam com a orientação escolar, quando há necessidade. Gostariam que Ana tivesse melhores notas, mas a mesma não se esforça.

Não houve clima para que pudesse questionar o que seria esforço, na visão deles, em virtude da forma como vivem e como se relacionam. Acredito que Ana não

teria condições em um contexto como esse de se dar bem nos estudos, ou mesmo querer esforçar-se.

Ambos querem que Ana estude, pois só com o estudo é que se consegue algo na vida, destacou o padrasto.

Ana parece ser uma boa menina. Sua bondade pode ser para compensar a realidade que vive, para tentar ser estimada e aceita pelo grupo. Ela precisa que outros gostem dela, mas ela não faz o mesmo por si. Não há circulação de afeto, há cuidado material, físico, sem envolvimento afetivo. Ana parece viver carregando uma culpa que não é sua, estereotipada por um passado vivenciado pelos pais que refletem nela as conseqüências.

Silva e Sá (1997), sugerem que estratégias de aprendizagem podem abrir novas perspectivas para a vida pessoal e, até mesmo, permitir a estudantes, como no caso de Ana, ultrapassar as dificuldades promovidas pelo ambiente, de forma a conseguirem obter um maior sucesso escolar. Mas, para tanto, penso que essa família necessita de acompanhamento e de um tratamento especializado.

### **c) Família “C”**

Essa família é composta por três pessoas: a mãe, um filho e uma filha.

Na juventude a mãe engravidou de seu namorado, mas foi abandonada pelo mesmo; optou por não interromper a gravidez, motivo da separação. Seus pais lhe deram apoio, mesmo possuindo poucos recursos. Passou a trabalhar como faxineira e, com dificuldades financeiras, criava seu filho.

O tempo passou e ela conheceu alguém com quem começou a viver, nos fundos da casa de seus pais, onde mora até hoje. Desse companheiro teve uma filha, hoje com 11 anos. Quando essa tinha apenas 3 anos, esse companheiro a abandonou. Ela, então, decidiu não ter mais nenhum tipo de relacionamento e passou a dedicar-se a seus filhos.

O garoto mais velho, hoje com 17 anos de idade, o chamarei de “Carlos”, está no 2º ano do Ensino Médio. Carlos teve em seu avô a figura paterna e, sentiu muito a perda do mesmo há oito anos atrás.

Essa família possui dificuldades financeiras e devido a essas não compartilha momentos de troca afetiva no grupo. A mãe trabalha muito para conseguir sustentar a casa e dar conta dos compromissos.

As dificuldades de aprendizagem, segundo Romero (1995), podem ser causadas por variáveis pessoais, por ambientes desfavoráveis e por uma combinação interativa de ambos. Esse autor chega a destacar a pobreza como um dos principais vilões em relação a aprendizagem escolar.

Essa família não apresenta regras, pois percebi que os filhos possuem liberdade de fazer as tarefas escolares na frente da TV. A mãe destacou que orienta para que não façam dessa forma e, só quando é necessário, é usada a autoridade de mãe para que o estudo seja de forma adequada. Segundo ela, não há imposição, existem conselhos.

A família, no caso o avô quando vivo e a avó, influenciaram de forma positiva tanto a vida particular como a vida escolar de Carlos em todas as suas fases. Até hoje existem coisas que ele comenta apenas com a avó e não com a mãe. Isso talvez se deve ao fato dele ter sido criado praticamente pela avó, em função de sua mãe trabalhar o dia todo e chegar em casa tarde da noite. Durante algum tempo, Carlos chegou a morar com a avó e ser cuidado somente por essa.

A mãe acha que a avó fez um excelente trabalho com seu filho exercendo uma influência benéfica na vida de dele. Afinal, ele é um bom garoto, segundo ela. Para Piletti (1984), assim como outros autores, as primeiras experiências educacionais da criança geralmente são proporcionadas pela família, e no caso de Carlos foi pela avó, com uma grande diferença de idade em relação a ele. Essa diferença de idades entre o que educa e o que é educado, segundo o autor, pode causar dificuldades para o educando aceitar orientações de pessoas mais novas, aqui podemos citar os professores e até mesmo a mãe. Através das influências familiares, ele destaca, vai-se paulatinamente moldando o comportamento de quem está nesse meio, mas para tanto torna-se necessário conhecer esse histórico, ele comenta.

Mouly (1970), enfatiza que a criança precisa ser educada em um ambiente emocionalmente estável e consistente, no qual tenha experiência de aceitação e amor incondicionais. Carlos teve essa relação com sua avó, não com sua mãe, como ela mesma relata.

Carlos é um garoto querido por todos, devido à sua presteza em ajudar. Ele se sente bem e gosta muito de fazer tarefas para outras pessoas, mas não em casa. Ele sempre se recusa a participar nas tarefas domésticas. Esse é um ponto de atrito e discussões entre mãe e filho. Acredito que isso se dê pelo fato de Carlos ter sido

criado segundo as orientações da avó, talvez ele possua um sentimento de rejeição pelo fato da mãe não ter participado nessa etapa de sua vida.

Eles possuem liberdade de falar sobre tudo e discutirem sobre situações da vida cotidiana. Esse relacionamento parece mais de amigos do que de mãe e filhos, conforme a mãe de Carlos.

Esse relacionamento parece não ser firme com regras e papéis definidos, pois a mãe relatou que entra no quarto do filho só quando é extremamente necessário. Em entrevista, percebi que é o próprio Carlos que cuida de suas roupas, o mesmo não ocorre com a filha, ou seja, parece que o sentimento de rejeição é recíproco entre Carlos e sua mãe.

Como forma de incentivo para os familiares, a mãe procura usar o elogio e agir com recompensas no grupo familiar. Parece uma espécie de troca para conseguir algo. Um exemplo: no caso de um passeio, para que o mesmo aconteça os filhos devem merecer, do contrário, ele não acontece. Ela usa esse argumento em relação ao rendimento escolar.

Ficou claro em suas palavras que a mãe procura valorizar o ser humano, destacou que errar é normal, mas aconselha para que não aconteça novamente.

Carlos é um garoto firme e decidido nas suas posições, então a mãe tenta usar a autoridade para fazê-lo estudar, pois ela acredita que ele não goste de estudar.

Carlos quis parar de estudar, mas não teve sucesso. Sua mãe não permitiu e ressaltou que o futuro depende somente dele e de mais ninguém, pois ela não possui condições financeiras para poder mantê-lo. Ela espera que Carlos estude e tenha sucesso em sua vida e, quem sabe um dia, possa ajudá-la.

Carlos é um garoto atencioso, mas pouco participativo nas atividades escolares, devido, possivelmente, à vergonha de perguntar.

Quanto à participação e relacionamento com os professores, a mãe destacou que praticamente não há, devido ao seu trabalho. Só vai à escola quando é intimada a participar, geralmente por causa de trabalhos, notas ou provas, nunca por indisciplina.

O relacionamento de Carlos com a irmã é um pouco tumultuado. Ambos têm ciúmes um do outro, mas sem agressões. A mãe diz que Carlos precisa ajudar em casa, visto que a mesma sai de casa às 8 horas da manhã e volta à noite e, aos domingos, faz faxinas para complementar a renda.

Bossa (1998), ressalta que a criança depende totalmente dos adultos, seja na orientação quanto nos estudos, ou no que se refere à parte financeira. Essa dependência se dá especialmente de seus pais ou daqueles que exercem a função paterna e materna, como é o caso de Carlos, que depende de sua mãe, porém, foi praticamente educado pela avó. Ressalto que a própria mãe mostra a necessidade e a carência de um companheiro na educação dos filhos.

A mãe destacou que é importante a presença masculina, especialmente a figura do pai. Pois muitas vezes ela precisa fazer o papel de pai e mãe, mesmo sem saber se está correto, isto principalmente na fase da adolescência. Então ela julga a escola como importante na educação dos filhos. Sabe que a escola não vai suprir a falta do pai, mas acredita que possa auxiliar na orientação de Carlos.

#### **d) Família “D”**

Essa família é composta por cinco pessoas, os pais e três filhos. Todos moram juntos e possuem uma condição financeira baixa, porém aparentam esforço para manter a educação dos filhos. O mais velho, com 19 anos, sempre estudou em escola particular. Irei deter-me em “Júlia”, garota de 17 anos de idade, cursando o 2º ano do Ensino Médio. A filha mais nova ainda não está em idade escolar.

O casal mora junto, mas aparentemente não mantêm diálogo quanto à educação dos filhos. Mudam-se de residência com muita frequência, devido à situação financeira. Discutem seus problemas na frente dos filhos e, estes, por sua vez, sentem-se culpados por tais problemas.

Consideram a situação econômica como sendo o grande empecilho e julgam que, se os filhos não estudarem, não terão as condições necessárias para enfrentar as exigências da sociedade.

Moreno & Cubero (1995), atribuem à família a garantia de sobrevivência de seus filhos e destacam que é dentro da família que se realizam as experiências básicas, as quais serão imprescindíveis no desenvolvimento e nas aprendizagens posteriores.

Júlia não tem apresentado bom desempenho escolar este ano. A mãe relatou que não a cobra em relação aos estudos. Porém, quando percebeu que sua filha corria o risco de reprovar, colocou limites, no sentido de Júlia perceber a necessidade de estudar. Para tanto, tirou algumas regalias que esta possuía até que

apresente melhora nos estudos. Destacou que não cobra que seus filhos sejam os melhores nos estudos, mas quer que estes acompanhem com obrigação a aprendizagem e tenham bom desempenho escolar.

Os pais propõem regras, mas, segundo eles, seus filhos não gostam de estudar. A mãe evidencia que ao cobrar e acompanhar o estudo dos filhos, o retorno é certo. Em outras palavras, ela deixou claro que, quando coloca limites, estes devem ser cumpridos.

O pai salientou que muitos têm facilidade em estudar e outros necessitam seguir regras.

Celidonio (1998) observa que as tensões acumuladas nas relações familiares certamente ressurgirão na escola, a partir destas relações, sob a forma que a aprendizagem assume na vida escolar.

É fundamental, segundo a mãe, que os pais acompanhem de perto o desempenho dos filhos na escola e, quando necessário, devem orientá-los.

Eles destacaram que sempre que a escola os chama, eles comparecem. Porém, nesse ano, não estão tendo muito tempo para acompanhar o desempenho de Júlia. Como consequência, essa optou por parar de estudar e trabalhar para ter o seu dinheiro, porém, os pais não permitiram e estabeleceram regras que deverão ser seguidas.

Foi dito pelo pai que o filho mais velho nunca precisou ser orientado quanto aos estudos, apresentando facilidade. Destaco que, nessa época, a família praticamente não possuía problemas financeiros, como hoje. Porém, Júlia, necessita de acompanhamento e orientação, devido às suas dificuldades.

Valmaseda (1995) refere-se à diferença de classes sociais, e chega a afirmar que crianças oriundas de ambientes familiares que oferecem maiores oportunidades para a aprendizagem chegarão à escola mais preparadas para aprender os conteúdos ministrados pelos professores. Pode não acontecer o mesmo com quem passa por uma experiência de maior ou menor pobreza, pois terá maior propensão ao fracasso escolar.

Ficou evidente que os pais procuraram dar o mesmo tipo de educação aos filhos, mas hoje percebem que isso não foi correto, pois estes são pessoas diferentes e com personalidades distintas.

Quanto ao estímulo para os estudos, procuram argumentar sobre a necessidade de estudar. Dizem a Júlia que tenha paciência e estude para que no

futuro possa ter o que deseja e, já que no momento, não é possível. O pai afirmou que ela quer acompanhar a moda das demais colegas, mas a situação atual não permite.

Seu relacionamento em família é perfeito e com as demais pessoas também, mas é inibida na escola, possivelmente por não acompanhar a condição social das demais colegas. Parece sentir-se inferiorizada e isto talvez interfira na imagem e na estima de si mesma.

O sonho de Júlia é ser veterinária. Quando ela optou por parar de estudar, conforme a mãe relatou, ela usou como argumento o sonho dela em relação à profissão, questionando-a sobre como ela iria realizá-lo se não estudasse.

Os pais têm pouco contato com a escola e, quando este ocorre, é com a orientação. Em nenhum momento tiveram contato com os professores. Destacaram que, segundo a orientação escolar, todos os professores apreciam o comportamento de Júlia e, sua única dificuldade, é quanto ao rendimento em algumas matérias, embora todos assegurem que Júlia apresenta todas as condições para ter um bom desempenho.

A mãe destacou que a família é muito importante e, quando os pais não estão bem um com o outro em seu relacionamento, os filhos ficam bloqueados para tomarem decisões e ilustra com as dificuldades de Júlia.

Situações adversas com relação à economia familiar atrapalham o estudo dos filhos. Júlia parece sentir-se culpada pelos problemas financeiros dos pais.

Perceberam que o diálogo mútuo entre eles e com os filhos deve melhorar e que necessitam relacionar-se com a escola e professores.

#### **e) Família “E”**

Essa família é composta por quatro pessoas. Os pais e duas filhas, uma já casada. Os pais não moram juntos, separaram-se há três anos. A filha mais velha casou-se quando estava ainda no 2º ano do Ensino Médio, ficou grávida do namorado, hoje seu marido. A filha mais nova cursa o primeiro ano do Ensino Médio, irei chamá-la de “Lúcia”. É uma menina que aparentemente não apresenta motivos para ter dificuldades de aprendizagem, porém, não se desenvolve satisfatoriamente, de acordo com a visão atual de aprendizagem.

Os pais, hoje separados, não têm muitas posses, mas também não passam necessidades.

Os problemas que levaram o casal a separar-se foi a bebida e, segundo a mãe, a falta de comprometimento do ex-marido com a família. Foi relatado que o pai até mesmo chegou a espancar a mãe na frente das filhas. O pai não tem relacionamento com a família e, quando marca um encontro com a filha, na maioria das vezes, não comparece. Essa sente-se rejeitada pelo pai.

Todo ser humano necessita de um ambiente saudável, que propicie desenvolvimento, principalmente os filhos, que, acredito, merecem o respeito dos pais, para que possam amadurecer e ter independência. Dessa forma, penso que a criança passa a ter referências seguras, consistentes e consciência de suas possibilidades, quando é capaz de sentir segurança interna, auto-estima, estabelecendo uma relação de trocas e acreditando em si. Diz Buscaglia (1993), que não é preciso que os pais sejam perfeitos, eles apenas devem ser atentos, sensíveis e humanos. Acredito que esse autor destaca o que exatamente o que falta para Lúcia, devido à desatenção de seu pai.

A mãe, como professora e, tendo experiência em sala de aula, diz não saber o que fazer para ajudar a filha a não se sentir rejeitada. Grande parte dos problemas que a filha sofre na escola, segundo a mãe, é devido à rejeição que a mesma enfrenta, pois sente-se só e com saudades do pai que não comparece aos encontros.

Essa mãe procura orientar a filha quanto às regras, e destaca que elas são importantes, pois colocam limites na vida. Segundo a mãe, Lúcia não esconde nada dela, mas não tem vontade de estudar e fazer as tarefas. Ela tenta ajudar, mas nem sempre a filha está disposta. Ficou claro que a mãe não consegue controlar os hábitos de estudo da filha, pois trabalha o dia todo. Ambas saem cedo e à tarde Lúcia fica só e dorme a tarde toda, segundo a mãe. À noite, Lúcia quer apenas assistir TV. Ambas têm conversado sobre a importância de estudar, mas está difícil de Lúcia dar retorno, de acordo com as exigências educacionais.

Com respeito às influências da família, a mãe destacou que foram tremendamente negativas, pois suas duas filhas cresceram vendo o pai desprezando-as e também a ela, conclui ser em virtude do álcool. Elas nunca tiveram o hábito de estudar, e tão pouco ambiente para estudo. Enfrentaram um período que ficaram aproximadamente três meses sem luz em casa devido à falta de dinheiro, pois tudo

que o pai ganhava gastava em bebida e obrigava a mãe a dar o que ganhava para pagar dívidas.

Hoje separada, orienta melhor a filha, mas ainda não consegue fazer com que ela queira estudar. Ela acredita que a auto-estima de Lúcia esteja baixa devido a rejeição paterna. A filha mais velha casou-se cedo, a mãe pensa que foi para sair de casa. Ela odeia o pai, segundo sua mãe.

Lúcia está fazendo terapia, a mãe espera que isso a ajude a compreender melhor as coisas e a aceitá-las. Lúcia é muito amiga do namorado de sua mãe, ambos conversam muito, segundo ela.

Lúcia tem total liberdade com sua mãe e vice-versa; somente as duas moram juntas e, à noite, há tempo para conversar, mas a TV atrapalha. Ultimamente, Lúcia está muito fechada e não tem-se aberto muito, segundo a mãe. A mãe destacou que tem medo das amizades de Lúcia, disse que a orienta quanto ao que não é bom, pois ela é só uma adolescente de 15 anos. Não quer que Lúcia siga os mesmos passos da irmã e pare de estudar.

Lúcia possui condições para estudar e é orientada para isso, mas ela parece não reagir. Apresenta grande potencial, precisa apenas saber lidar com tudo isso, ressalta a mãe, um pouco emocionada.

Lúcia recebe estímulo da mãe, que procura conversar sobre tudo com ela, e sobre os estudos, principalmente. A mãe é professora, e diz saber como é um aluno com problemas de aprendizagem. Destaca que sua filha não tem problemas para aprender, ela não está motivada para estudar. A mãe frisou que esse problema tem a ver com ela e com o pai dela, devido às suas dificuldades de relacionamento em função da bebida. A mãe disse já ter pedido várias vezes ao pai que, pelo menos, trate Lúcia com respeito, que é o mínimo que um filho merece. A mãe destacou que Lúcia ama o pai, mas ele só enxerga a bebida, e acrescentou: “ele destruiu nossa família e percebe que está acabando com nossa filha”.

Lúcia tem recebido a ajuda da mãe para estudar, mas a mãe enfrenta dificuldades, pois é professora de séries iniciais e já faz muito tempo que não tem contato com o que Lúcia está estudando. Disse não ter condições de pagar aulas particulares, pois paga aluguel, escola particular e terapia para Lúcia, o que sobra é para alimentação. A mãe diz: “faço todo o possível para não deixar faltar nada para ela”.

A mãe de Lúcia tem ótima relação com a escola, pois trabalha no mesmo local onde a filha estuda, assim, encontra-se com os professores praticamente todos os dias. Segundo a mãe de Lúcia, todos dizem não compreender os motivos pelos quais Lúcia não consegue se desenvolver. Alguns chegam até a dizer que ela tem tudo para se dar bem. A mãe desabafa: “eles não entendem o que nós passamos”.

A mãe de Lúcia contou que ela tem conversado muito com a orientadora escolar. Isso tem ajudado Lúcia. Na conversa ela é orientada sobre os estudos e matérias que não está bem e necessitam de estudo.

Chamou-me a atenção a seguinte frase: “Sei que Lúcia pode perder o ano, não é o que quero, mas talvez possa ser melhor ela repetir, pois ela realmente não está aprendendo quase nada”.

Fica evidente que a mãe de Lúcia gostaria que o pai percebesse a filha que tem e lhe desse o valor que ela merece, e acrescentou: “Isso não é fácil, ele precisa querer e não acredito que isso ocorrerá”.

A mãe espera que a terapia ajude Lúcia a compreender melhor tudo isso. Quanto a ela, disse que pretende se esforçar cada vez mais para oferecer o melhor às filhas e ao netinho. Mas ao mesmo tempo parece “preza” ao ex-marido e sob a influência dos danos que causou a ela e as filhas.

## 9 UMA REFLEXÃO FINAL

Nessa pesquisa, verifiquei a importância da família na aprendizagem escolar. E também, procurei aprofundar a discussão desse tema, uma vez que o mesmo tem sido pouco abordado no contexto escolar.

Nesse sentido, considero esse trabalho de fundamental importância, pois oferece contribuições às famílias que enfrentam dificuldades na aprendizagem escolar dos filhos, por isso, trouxe idéias de autores que referenciam a relação entre a aprendizagem escolar e o contexto familiar.

Nos relatos, a partir das entrevistas, percebi a existência dessa relação, por isso mantive inalteradas algumas falas, por considerá-las relevantes nesse estudo.

Proponho com essa pesquisa a formação de um grupo de apoio às famílias. Observei o quanto é necessário que pessoas especializadas possam lidar com esses casos, nos quais a dificuldade de aprendizagem não deve ser tratada com demérito, mas, com a devida atenção.

A educação é um processo sério, que exige comprometimento e disponibilidade tanto dos pais quanto dos professores.

Acredito que a educação necessita de trabalhos e discussões como as que proponho. Nunca se viu tantos problemas relacionados ao ensinar e ao aprender como em nossos dias.

Acredito que essa pesquisa pode colaborar para que o ensino e a aprendizagem tenham o devido reconhecimento, tanto na família quanto no contexto escolar. Destaco esse tema, pois muitos professores e pais agem como se aprender fosse uma função tão natural quanto respirar ou andar.

É fácil encontrar, em inúmeros livros e artigos, conselhos sobre como agir em relação ao ensino e a aprendizagem de crianças e adolescentes. Entretanto, penso que muito deve ser construído, questionado e estudado sobre o modo como preparamos as novas gerações para o futuro, para a vida em sociedade. E quando me refiro à sociedade, reporto-me à organização familiar e escolar.

O desenvolvimento e os problemas na infância e adolescência podem nos ameaçar de muitas maneiras. Precisamos, primeiramente, aprender a lidar com nossas limitações e sentimentos de maneira honesta e verdadeira.

Deixarei algumas dicas, não minhas, mas de Kahlil Gibran (2003), para a orientação dos filhos, e, como educadores que somos, tanto pais como professores, acredito, nos serão válidas.

Como professor, vejo essas crianças e adolescentes como filhos, não meus, mas a mim confiados, assim os adoto como se meus fossem.

## FILHOS

*Vossos filhos não são vossos filhos.*

*São os filhos e as filhas pela aspiração divina pela vida.*

*Vêm por vosso intermédio, mas não de vós;*

*E embora estejam convosco, não vos pertencem.*

*Podeis conceder-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos;*

*Pois têm seus próprios.*

*Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas;*

*Pois elas abrigam-se no amanhã, que não podeis visitar nem mesmo em sonho.*

*Podeis esforçar-vos por ser como eles, mas não procureis torná-los iguais a vós.*

*Pois a vida não segue para trás nem retarda-se com o ontem.*

*Sois os arcos com os quais seus filhos são lançados qual setas vivas.*

*O Arqueiro aponta na direção do infinito, e vos curva Sua força para que Suas flechas sejam lançadas, rápidas e certeiras, para bem longe.*

*Ao deixar-se encurvar pelas mãos do arqueiro, sede felizes;*

*Pois assim como Ele ama a seta que voa, ama também o arco que é estável.*

(O profeta - Kahlil Gibran)

## REFERÊNCIAS

ALOSP, Pippa. **Transtornos emocionais**. São Paulo: Summus, 1999.

ANDOLFI, Maurício. **Por trás da máscara familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984. Tradução: Maria Cristina R Goulartt.

ANDREI, D. C. **Reflexões sobre a “adoção tardia”**. 1997. Manuscrito não publicado.

BOSSA, N. A. Do nascimento ao início da vida escolar: o que fazer para os filhos darem certo? In: **Revista Psicopedagogia**. São Paulo: Salesianas 1998, v. 17.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

BUSCAGLIA, L. **Os deficientes e seus pais: um desafio ao aconselhamento**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

CELIDONIO, R. F. Trilogia inevitável: família - aprendizagem - escola. In: **Revista Psicopedagogia**. São Paulo: Salesianas 1998, v. 17.

DROUET, R. C. R. **Distúrbios da aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1995.

EIZIRIK, Cláudio. **O ciclo da vida humana**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERGUSSON, D. M; LYNSKEY, M. T; HORWOOD, L. J. Factors associated with continuity and changes in disruptive behavior patterns between childhood and adolescence. **Journal of Abnormal Child Psychology**, 1996.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Tradução: Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FREINET, Célestin. **Conselhos aos pais**. São Paulo: Estampa, 1974. (Coleção Técnicas de Educação, n. 6).

GARCIA, Jesus Nicásio. **Manual de dificuldades de aprendizagem**. Rio de Janeiro: Artes Médicas, 1994.

GARDNER, Richard A. **Casais separados: a relação entre pais e filhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

GIBRAN, Kahlil. **O Profeta**, São Paulo: Martin Claret, 2003.

GOKHALE, S.D. A Família Desaparecerá? In: **Revista Debates Sociais**, Rio de Janeiro, CBSSIS, n. 30, ano XVI, 1980.

GOMES, Cristina Pi de Pinto. **Os problemas de aprendizagem e suas inter-relações no contexto familiar**. 145 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Faculdade de Psicologia, PUCRS, Porto Alegre, 1998.

GUERRA, Leila Boni. **A criança com dificuldades de aprendizagem: considerações sobre a teoria modos de fazer**. São Paulo: Enelivros, 2002.

KALOUSTIAN, S. M. (Org.) **Família Brasileira, a Base de Tudo**. São Paulo: Cortez, 1988.

MALDONADO, M. T. **Os caminhos do coração: pais e filhos adotivos**. São Paulo: Saraiva, 1995.

MARTURANA, E. M. A criança, o insucesso escolar precoce e a família: condições de resiliência e vulnerabilidade. In: MARTURANO, E. M; LOUREIRO, S. R; ZUARDI, A. W. (Org.). **Estudos em Saúde Mental**. Comissão de Pós-Graduação em Saúde Mental - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. 1997.

MORAES, Roque. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual qualitativa**. Porto Alegre: PUCRS, 2002. (Mimeo).

MORENO, M. C; CUBERO, R. **Relações sociais nos anos pré-escolares em Desenvolvimento Psicológico e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, v. 1, 190-202p.

MOTTA, M.A P. **Adoção: algumas contribuições psicanalíticas**. Direito de Família e Ciências Humanas, 1997.

MOULY, G. J. **Psicologia Educacional**. São Paulo: Pioneira, 1970.

OUTEIRAL, José. **Adolescer**: estudos realizados sobre a adolescência. Rio de Janeiro: Reviver, 2003.

PILETTI, N. **Psicologia educacional**. São Paulo: Ática, 1984.

POLITY, Elizabeth. Inibição intelectual e tramas de lealdade familiar. **Insight-psicoterapia**, São Paulo, p. 24-27, ago, 1997.

RAMOS, Maria Beatriz J. In: LA ROSA, Jorge de. **Psicologia e educação**: o significado do aprender. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

RAMOS, Maurivan Güntzel. **Análise de conteúdo e análise de discurso**: as metáforas como instrumento de busca de superação das dúvidas e dos conflitos. 1999. (Mimeo).

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva sócio-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ROMERO, J. F. Os atrasos maturativos e as dificuldades na aprendizagem. In: **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, v. 3.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

RUTTER, M. Separation, loss and family relationships. Em M. Rutter & L. Hersov (Orgs.), **Child psychiatry**: modern approaches. Oxford: Blackwell, 1977.

SILVA A. L. da; SÁ, L. Saber estudar e estudar para saber. **Coleção Ciências da Educação**. Porto, Portugal: Porto, 1997.

SISTO, Fermino Fernandes. **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

SOUZA, Audrey S. L. **Pensando a inibição intelectual**. Perspectiva psicanalítica e proposta diagnóstica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

SUKIENNIK, Paulo B. **O aluno problema**: transtornos emocionais de crianças e adolescentes. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

TAILLE, Yves de La. **Limites**: três dimensões educacionais. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

TIBA, Içami. **Disciplina**: o limite na medida certa. 2. ed. São Paulo: Gente, 1996.

\_\_\_\_\_. **Quem ama educa**. São Paulo: Gente, 2002.

VALMASEDA, M. Os problemas de linguagem na escola In: **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, v. 3.

VARGAS, M. M. **Adoção tardia**: um estudo do processo de adaptação criança-família. Dissertação de Mestrado. PUCCAMP, 1994.

VYGOTSKY, L. V. **A formação social da mente**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1991.

WALLON, Henry. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

ZAGURY, Tânia. **Limites sem trauma**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. **Sem padecer no paraíso**. Rio de Janeiro: Record, 1994.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A - Entrevista para as famílias

### 1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Número de pessoas na família.

Situação econômica (trabalho),

Condições psicossociais - O casal mora junto, responsabilidade sobre os filhos.

### 2. QUESTÕES

- 1) Como se estabelecem as comunicações em termos de regras, organização de tarefas, hábitos de estudo?
- 2) De que modo percebem as influências das vivências familiares sobre o desempenho escolar do seu filho(a)?
- 3) Como mantêm a individualidade de cada membro da família considerando os limites e potencialidades de cada um?
- 4) Que estímulos são oferecidos para aperfeiçoar as capacidades e interesses demonstrados pelos filhos?
- 5) Qual a relação mantida com a escola, os professores, tendo em vista o rendimento e a participação dos filhos nas atividades escolares?
- 6) Que aspectos você considera importantes e a melhorar em termos de vínculos familiares para o crescimento e amadurecimento pessoal e escolar do seu filho(a)?

## APÊNDICE B - Entrevista com a Família “A”

Essa família é composta pelos pais e cinco filhos, dos quais três são adotivos. O casal mora junto e mostra comprometimento na educação de seus filhos. Pareceu-me que os mesmos não fazem distinção entre os filhos biológicos e os adotivos.

Irei deter-me em um indivíduo, será chamado João. O mesmo não apresenta nenhum motivo aparente para suas dificuldades, porém seu aprendizado não se desenvolve de maneira satisfatória na visão educacional.

Em entrevista, inicialmente, questionei os pais sobre a situação econômica da família. Foram relatadas dificuldades, pois moram em casa alugada. Seus ganhos não são suficientes para terem uma vida confortável, apresentam limitações, principalmente no lazer.

### **OS QUESTIONAMENTOS:**

- 1) Como se estabelecem às comunicações em termos de regras, organização de tarefas, hábitos de estudo?

*Dentre os itens citados no questionamento, destaco que o mais abordado foi as regras. Os pais colocaram as regras como sendo as mesmas para todos os filhos, sejam biológicos ou adotivos. Na casa cada um possui suas tarefas e responsabilidades e estas, segundo eles, devem ser rigorosamente cumpridas.*

*Quanto aos estudos, cada um tem o dever de estudar pelo menos duas horas a cada dia. Nos períodos de avaliações, esse tempo aumenta de acordo com a necessidade de cada um. O João não gosta de estudar. Então é liberado das tarefas domésticas para fazê-lo. Essa foi a forma que os pais encontraram para que ele estude.*

*Na visão dos pais, é muito importante completar o Ensino Médio, para se encaixar no mercado de trabalho.*

- 2) De que modo percebem as influências das experiências familiares sobre o desempenho escolar do seu filho(a)?

*A influência é total, especialmente na utilização de seu desejo de ser policial como forma de estimulá-lo a estudar. A família vem conseguindo orientá-lo de forma que ele dê continuidade aos estudos, mesmo com os problemas que enfrenta em relação ao abandono sofrido pela família biológica, o que proporciona resistência em aceitar o amor dos pai (pais adotivos). Ele enfrenta problemas de relacionamento dentro da família, e, em determinados momentos, não consegue chamar sua mãe por esse nome. Ele está em tratamento psicológico para aprender a enfrentar situações que o desagradam relacionadas a professores e colegas.*

*É importante destacar que esses pais relataram que o amor e o carinho que João encontrou fizeram diferença na vida dele. Desta forma, hoje João já os vê como seus pais.*

- 3) Como mantêm a individualidade de cada membro da família considerando os limites e potencialidades de cada um?

*O pai destacou que as regras são gerais, logo eles procuram trabalhar no sentido genérico, mas sabe que de alguns filhos é possível cobrar mais do que de outros. Ficou claro que João é uma criança batalhadora e sempre procura ajudar, mas é necessário ter os seus limites bem determinados. Se deixado à vontade, apresenta reações das quais se arrepende. Esses pais destacaram que respeitam essa característica de João, porém mostram-lhe a necessidade de auto-controle.*

- 4) Que estímulos são oferecidos para aperfeiçoar as capacidades e interesses demonstrados pelos filhos?

*Dentro dos recursos de que dispõem, há incentivo para que busquem informações sobre o que querem do futuro. Pensam que é importante completar o Ensino Médio ou um curso técnico para poder trabalhar e ter recursos para fazer uma faculdade, já que não possuem recursos para o pagamento de uma.*

5) Qual a relação mantida com a escola, os professores, tendo em vista o rendimento e a participação dos filhos nas atividades escolares?

*A família procura acompanhar o rendimento dos filhos comparecendo à escola sempre que há uma distribuição de boletins. Não há uma procura sistemática pela escola para ter retorno claro do desenvolvimento de João. O pai destacou que quando João está mal em uma disciplina, ele se recusa a estudá-la, possivelmente por não saber lidar com a frustração. Para sanar esse problema, existe uma espécie de aconselhamento sobre a necessidade de maior dedicação na disciplina em que está com baixo rendimento.*

*Quanto à escola, esses pais não possuem problemas de relacionamento com a mesma. Sempre foram bem atendidos, inclusive com aulas de reforço. O que é frustrante para a família é que a questão financeira os restringe quanto a atividades pedagógicas em que há custos, como passeios, por exemplo.*

6) Que aspectos você considera importantes para melhorar os vínculos familiares com vistas ao crescimento, amadurecimento pessoal e escolar do seu filho(a)?

*Sempre há algo a melhorar, possivelmente, uma integração maior. Como a família é muito grande, isso se torna um pouco complicado em função das necessidades quanto ao trabalho. A mãe destacou que quase não pára em casa, devido às suas tarefas profissionais. O pai nem no final de semana dispõe de tempo e considera que isso seja fundamental em uma família, pois trata-se da educação dos filhos.*

## APÊNDICE C - Entrevista com a Família “B”

A composição familiar desse grupo de pessoas consiste em pai, no caso padrasto, cerca de 20 anos mais velho do que a esposa, mãe biológica, filha, que chamarei de Ana e avó, que no fim da vida é cuidada pela filha e neta.

Moram todos juntos, porém apresentam um histórico que cabe ressaltar. Os pais na juventude foram namorados e casaram-se, separaram-se em virtude do rompimento matrimonial por parte da mãe, que separada gerou a filha proveniente de outro relacionamento. Esta foi abandonada pelo pai biológico de Ana e, sem ter como sustentar-se e a filha, voltou para o marido, que a aceitou juntamente com sua filha. A menina cresce em meio a um casamento conturbado, sua mãe tornou-se alcoólatra, hoje está em recuperação. Sua avó, por problemas de saúde, passou a morar junto, pois necessita de cuidados especiais em virtude de problemas visuais provocados pela diabetes.

Pareceu-me que o padrasto gosta da “filha”, mas cobra além das possibilidades que esta pode oferecer. Destaco que a Ana se responsabiliza por sua avó e problemas ocasionados por sua mãe, que, aparentemente, apresenta descompasso emocional. Ficou claro que esta faz tratamento psiquiátrico.

Possuem uma condição financeira razoável, sem aparentar necessidades. Moram em um bom apartamento, amplo e com boa qualidade.

### **OS QUESTIONAMENTOS:**

1) Como se estabelecem às comunicações em termos de regras, organização de tarefas, hábitos de estudo?

*A família praticamente não conversa, pois o pai é o único que trabalha para manter o nível familiar. Sai cedo e chega tarde, cansado, querendo apenas relaxar.*

*A mãe destacou que cobra da filha boas notas, mas esta não responde às suas cobranças por não gostar de estudar. Nessas palavras da mãe, percebe-se que a cobrança é maior que o incentivo, que provavelmente não há.*

*Quanto à organização de tarefas, Ana é esforçada, pois controla a casa e seus compromissos escolares, apesar de não demonstrar bom rendimento.*

- 2) De que modo percebem as influências das experiências familiares sobre o desempenho escolar do seu filho(a)?

*Afirmaram que sempre procuraram oferecer o melhor à filha, aconselhando-a a ter bom desempenho escolar. É muito importante ter apoio e responsabilidade familiar na educação, por isso pagam uma escola particular que a eduque e ofereça as condições necessárias.*

*O que ficou claro, é que nem o padrasto nem a mãe possuem serenidade suficiente para esse tipo de questionamento. Parece não haver sintonia familiar, mas apenas moram juntos sem responsabilidades maiores. Acredito que isto ocorre devido à sua história passada.*

- 3) Como mantêm a individualidade de cada membro da família considerando os limites e potencialidades de cada um?

*Nesta pergunta o clima ficou um pouco tenso, houve um desabafo do pai ao expor a falta de comprometimento da mãe na educação da Ana. O padrasto fez o seguinte comentário: “como alguém irá conhecer limites se não lhe é ensinado?”*

*Pareceu-me que a individualidade e reconhecimento praticamente não existem. O que existe em grande escala é cobrança de resultados e interferência na individualidade de cada sujeito. Acredito que isso ocorra por consequência da organização familiar no passado, refletindo-se no presente.*

- 4) Que estímulos são oferecidos para aperfeiçoar as capacidades e interesses demonstrados pelos filhos?

*Destacaram que procuram mostrar a necessidade do estudo para o futuro profissional. Afinal só irá se dar bem na vida quem tiver estudo.*

*Novamente destaco, pareceu-me não haver estímulo algum. O que fica claro, são cobranças sem um fundamento claro para as mesmas. Essa família aparenta apenas viver junta e conviver diariamente com um erro do passado.*

5) Qual a relação mantida com a escola, os professores, tendo em vista o rendimento e a participação dos filhos nas atividades escolares?

*Sempre que a escola chama a mãe disse comparecer. A escola é cara e deve fazer a parte dela em ensinar.*

*Disseram não conhecer bem os professores, pois geralmente tratam com a orientação escolar. Gostariam que Ana tivesse melhores notas, mas a mesma não se esforça.*

*Não houve clima para que pudesse questionar o que seria esforço, na visão deles, em virtude da forma como vivem e como se relacionam. Acredito que Ana não teria condições, em um local como esse, de se dar bem nos estudos.*

6) Que aspectos você considera importantes para melhorar os vínculos familiares com vistas ao crescimento, amadurecimento pessoal e escolar do seu filho(a)?

*Incentivá-la nos estudos, pois é só com ele que se consegue algo na vida, destacou o padrasto.*

## APÊNDICE D - Entrevista com a Família “C”

Essa família é composta por três pessoas. A mãe, um filho e uma filha.

Na juventude a mãe engravidou de seu namorado e, abandonada pelo mesmo, optou por não interromper a gravidez, motivo da separação. Seus pais lhe deram apoio, mesmo possuindo poucos recursos. Passou a trabalhar como faxineira e, com dificuldades financeiras, estava criando seu filho.

O tempo passou e ela conheceu alguém com quem começou a viver, nos fundos da casa de seus pais, onde mora até hoje. Desse companheiro teve uma filha, hoje com 11 anos. Quando essa tinha apenas 3 anos, esse companheiro a abandonou. Ela, então, decide não ter mais nenhum tipo de relacionamento e dedicar-se a seus filhos.

O garoto mais velho, hoje com 17 anos de idade, o qual chamarei de Carlos, sempre teve em seu avô a figura paterna. Carlos sentiu muito a perda do mesmo há oito anos atrás.

### **QUESTIONAMENTOS:**

- 1) Como se estabelecem às comunicações em termos de regras, organização de tarefas, hábitos de estudo?

*Na realidade não há regras bem determinadas, eles possuem liberdade e fazem as tarefas de casa na frente da TV. Porém, sempre há a orientação para que não façam dessa forma, só quando é necessário, é usada a autoridade da mãe. Não há imposição, há conselhos.*

- 2) De que modo percebe as influências das vivências familiares sobre o desempenho escolar do seu filho(a)?

*As influências foram positivas tanto na vida particular como na vida escolar em todas as fases de sua vida. Até hoje existem coisas que comenta apenas com a avó e não com a mãe. Isso, talvez, se deva ao fato dele ter sido criado praticamente pela avó, em função de sua mãe trabalhar praticamente o dia todo e chegar em casa tarde da noite. Durante algum tempo até morou com a avó e foi cuidado somente por essa.*

*A mãe acha que a avó fez um excelente trabalho com seu filho exercendo uma influência benéfica na vida de Carlos.*

- 3) Como mantém a individualidade de cada membro da família considerando os limites e potencialidades de cada um?

*Disse que seu filho gosta muito de fazer tarefas para outras pessoas e não em casa, como tarefas domésticas. Esse é um ponto de atrito e discussões.*

*Possuem liberdade de falar sobre tudo e discutirem situações da vida. Disse que o relacionamento parece mais de amigos do que de mãe e filhos.*

*A mãe disse que entra no quarto do filho só quando é extremamente necessário. É o próprio filho que cuida de suas roupas.*

- 4) Que estímulos são oferecidos para aperfeiçoar as capacidades e interesses demonstrados pelos filhos?

*Usa o elogio e agir como grupo familiar. É uma espécie de troca para conseguir algo. Um exemplo: no caso de um passeio, para que o mesmo aconteça o grupo deve merecer, caso contrário não ocorre. Ela valoriza o ser humano, errar é normal, mas aconselha para que não aconteça novamente.*

*Ele é um garoto firme nas suas posições e ela usa a autoridade para mandá-lo estudar, pois ela julga que ele não gosta de estudar.*

*Carlos teve o desejo de parar de estudar, porém não lhe foi permitido; e a mãe diz que seu futuro depende somente dele e de mais ninguém, pois ela não possui dinheiro para poder mantê-lo sem que ele, mais tarde, possa ajudá-la.*

- 5) Qual a relação mantida com a escola, os professores, tendo em vista o rendimento e a participação dos filhos nas atividades escolares?

*A colaboração de Carlos com os professores é boa, porém o mesmo não tira dúvidas com os professores, devido à vergonha em perguntar.*

*Quanto ao relacionamento da mãe com os professores, praticamente não há, devido ao seu trabalho; só vai à escola quando é intimada a participar, geralmente por causa de trabalhos, notas ou provas, nunca por indisciplina.*

6) Que aspectos você considera importantes e a melhorar em termos de vínculos familiares para o crescimento e amadurecimento pessoal e escolar do seu filho(a)?

*O relacionamento dele com a irmã, ambos possuem ciúmes um do outro, sem agressões. É importante que ele queira ajudar em casa, devido ao pouco tempo da mãe em casa, visto que ela sai às 10 da manhã e volta à noite e aos domingo faz faxinas.*

*Destacou que a presença masculina faz muita falta em uma casa, especialmente a figura do pai. Pois, muitas vezes, a mãe precisa fazer o papel de pai e mãe, mesmo sem saber se está correto, isto principalmente na fase da adolescência. Então ela julga que a escola é muito importante. A escola não vai suprir a falta do pai, mas auxilia na orientação.*

## APÊNDICE E - Entrevista com a Família “D”

Essa família é composta por cinco pessoas, sendo os pais e três filhos. Os pais moram juntos e possuem uma condição financeira baixa, porém aparentam esforço para manter a educação dos filhos. O mais velho, com 19 anos, sempre estudou em escola particular. Irei deter-me em “Júlia”, garota de 17 anos de idade, cursando o 2º ano do Ensino Médio. A filha mais nova ainda não está em idade escolar.

O casal mora junto, mas aparentemente não tem diálogo quanto a educação dos filhos. Mudam-se de residência com muita frequência e discutem seus problemas financeiros na frente dos filhos e, estes, por sua vez, sentem-se culpados por tais problemas.

Destacam a situação econômica como sendo um grande empecilho e julgam que se os filhos não estudarem não terão as condições necessárias para enfrentar as exigências da sociedade.

### **OS QUESTIONAMENTOS:**

1) Como se estabelecem às comunicações em termos de regras, organização de tarefas, hábitos de estudo?

*Esse ano a Júlia está indo mal devido à mãe tê-la largado, no sentido de não cobrá-la nos estudos. Porém agora foram postos limites, no sentido de colocá-la na obrigação de estudar. Para tanto, tirou algumas regalias que Júlia possuía até que ela dê retorno. Disse que não cobra que seus filhos sejam os melhores, mas quer que estes acompanhem com obrigação a aprendizagem.*

*Os pais impõem regras, mas seus filhos não gostam de estudar, segundo eles. A mãe destacou que é só cobrar e acompanhar que o retorno é certo. Deve-se colocar limites e cobrá-los.*

*O pai declarou que muitos têm facilidade em estudar e outros necessitam seguir regras.*

- 2) De que modo percebem as influências das vivências familiares sobre o desempenho escolar do seu filho(a)?

*São fundamentais, segundo a mãe, os pais têm obrigação de acompanharem de perto o desempenho dos filhos e orientá-los.*

*Destacaram que sempre que a escola chama eles comparecem à escola. Porém nesse ano não estão tendo muito tempo de acompanhar o desempenho de Júlia. Como consequência, Júlia optou por parar de estudar e quis trabalhar para ter o seu dinheiro, porém os pais não permitiram que ela parasse de estudar e estabeleceram regras.*

- 3) Como mantêm a individualidade de cada membro da família considerando os limites e potencialidades de cada um?

*Nenhum é igual ao outro. Foi destacado que o filho mais velho nunca precisou ser orientado quanto aos estudos, apresentando facilidade. Porém Júlia, necessita de acompanhamento e orientação, devido às suas dificuldades.*

*Ficou claro que os pais procuraram dar o mesmo tipo de educação aos filhos, mas hoje concluem que isso não foi correto, devido a serem pessoas diferentes.*

- 4) Que estímulos são oferecidos para aperfeiçoar as capacidades e interesses demonstrados pelos filhos?

*O pai afirmou que procura argumentar sobre a necessidade de estudar e que eles devem ter paciência de estudar para que no futuro possam ter o que no momento não é possível. Ele informou que Júlia pensa muito em poder acompanhar a moda das demais colegas, mas a situação atual não permite.*

*Seu relacionamento é perfeito com as demais pessoas, mas é inibida, possivelmente por não poder acompanhar a condição social das demais colegas.*

*O sonho de Júlia é ser veterinária. Quando esta optou por parar de estudar, a mãe usou como argumento esse sonho, questionando-a sobre como ela iria realizá-lo se não estudasse.*

- 5) Qual a relação mantida com a escola, os professores, tendo em vista o rendimento e a participação dos filhos nas atividades escolares?

*Os pais têm tido contato com a orientação, mas em nenhum momento tiveram contato com os professores. Disseram que todos os professores a apreciam e sua única dificuldade é quanto a aprendizagem, embora todos afirmem que Júlia apresenta todas as condições para ter um bom desempenho.*

- 6) Que aspectos você considera importantes e a melhorar em termos de vínculos familiares para o crescimento e amadurecimento pessoal e escolar do seu filho(a)?

*Segundo a mãe, a família é muito importante e, quando os pais não estão bem um com o outro no seu relacionamento, os filhos bloqueiam quanto ao desenvolvimento da aprendizagem. Situações adversas como a economia familiar atrapalham o estudo dos filhos.*

*Destacaram que o diálogo mútuo entre os pais e com os filhos deve melhorar e que devem buscar relacionar-se mais com a escola e professores.*

## APÊNDICE F - Entrevista com a Família “E”

Essa família é composta por quatro pessoas. Os pais e duas filhas, sendo uma já casada. Os pais não moram juntos, separaram-se já fazem três anos. A filha mais velha casou-se ainda quando estava no 2º ano do Ensino Médio, ficou grávida do namorado, hoje seu marido. A filha mais nova cursa o primeiro ano do Ensino Médio, irei chamá-la de Lúcia. É uma menina que aparentemente não apresenta motivos para ter problemas de aprendizagem, porém não se desenvolve satisfatoriamente, de acordo com a visão atual de aprendizagem.

Os pais, hoje separados, não têm muitas posses, mas também não passam necessidades.

Os problemas que levaram o casal a separar-se foram a bebida e, segundo a mãe, a falta de comprometimento com a família. Foi relatado que o pai até mesmo chegou a espancar a mãe na frente das filhas. O pai não apresenta relacionamento com a família e, quando marca um encontro com a filha, na maioria das vezes, não comparece. Essa sente-se rejeitada pelo pai.

A mãe, sendo uma professora e, tendo experiência em sala de aula, diz não saber o que fazer para poder ajudar a filha a não se sentir rejeitada. Grande parte dos problemas que a filha enfrenta na escola, segundo a mãe, são devidos a essa situação de rejeição que a mesma enfrenta, pois sente-se só e com saudades do pai que não comparece aos encontros.

### **OS QUESTIONAMENTOS:**

1) Como se estabelecem às comunicações em termos de regras, organização de tarefas, hábitos de estudo?

*Procuro sempre orientar minha filha quanto às regras, elas são importantes e colocam limites em nossa vida. Lúcia não esconde nada de mim, disse a mãe, mas, muitas vezes, diz não ter vontade de estudar e fazer as tarefas. Tento ajudar, mas nem sempre ela está disposta e seus hábitos de estudo não consigo controlar, pois trabalho o dia todo. Saímos cedo de casa e à tarde ela fica só em casa e dorme a tarde toda. À noite, quer apenas assistir TV. Tenho conversado muito com ela sobre a importância de estudar, mas está difícil ter retorno.*

- 2) De que modo percebe as influências das vivências familiares sobre o desempenho escolar do seu filho(a)?

*As influências foram tremendamente negativas, minhas duas filhas cresceram vendo o pai desprezá-las e também a mim, em virtude do álcool. Elas nunca tiveram o hábito de estudar, e tão pouco ambiente para estudo. Lembro que em uma determinada época ficamos aproximadamente três meses sem luz em casa, devido à falta de dinheiro, pois tudo que ele ganhava gastava na bebida e me obrigava a dar o que eu ganhava a ele para pagar dívidas.*

*Hoje, separada, posso orientar melhor minha filha, mas ainda não consegui fazer com que ela queira estudar. Acredito que sua auto-estima esteja baixa devido a sentir-se rejeitada pelo pai. Minha filha mais velha casou-se cedo, acredito que para poder sair de casa, ela odeia o pai.*

*Lúcia está fazendo terapia, espero que isso a ajude a compreender melhor as coisas e a aceitá-las melhor. Ela é muito amiga do meu namorado, ambos conversam muito.*

- 3) Como mantém a individualidade de cada membro da família considerando os limites e potencialidades de cada um?

*Bom, Lúcia tem total liberdade comigo e eu com ela, moramos somente nós duas numa casa e, à noite, temos tempo para conversar. Ultimamente ela está muito fechada e não tem-se aberto muito. Tenho medo das amizades dela, oriento muito quanto ao que não presta, mas ela é só uma adolescente de 15 anos.*

*Sempre procuro deixar claro que ela possui todas as condições para estudar e a oriento para isso, mas ela parece não reagir. Sei que ela tem um grande potencial, conheço minha filha, basta que ela saiba lidar com tudo isso.*

- 4) Que estímulos são oferecidos para aperfeiçoar as capacidades e interesses demonstrados pelos filhos?

*Procuro conversar sobre tudo com ela, e sobre os estudos principalmente, sou professora, sei como é um aluno com problemas de aprendizagem. Minha filha não tem problemas para aprender, ela não está motivada para estudar. Sei que isso tem a ver comigo e com o pai dela. Já pedi a ele que pelo menos a trate com respeito, que é o mínimo que um filho merece. Ela o ama, mas ele só enxerga a bebida, destruiu nossa família e percebe que está acabando com nossa filha.*

*Tenho tentado estudar junto com ela, mas enfrento dificuldades, sou professora de séries iniciais e já faz muito tempo que não vejo o que ela está estudando. Não tenho condições de pagar aulas particulares, pago aluguel, escola particular e terapia para Lúcia, o que sobra é para alimentação. Faço todo o possível para não deixar faltar nada para ela.*

5) Qual a relação mantida com a escola, os professores, tendo em vista o rendimento e a participação dos filhos nas atividades escolares?

*A relação é ótima, trabalho no mesmo local onde minha filha estuda, assim, encontro com os professores praticamente todos os dias. Todos dizem não compreender os motivos pelos quais Lúcia não consegue se desenvolver. Alguns chegam até a dizer que ela tem tudo para se dar bem. Eles não entendem o que nós passamos.*

*Tenho conversado muito com a orientação escolar, ela tem me ajudado em relação a Lúcia, conversando com ela e orientando-a sobre os estudos e matérias em que ela não está bem.*

*Sei que Lúcia pode perder o ano, não é o que quero, mas talvez pode ser melhor ela repetir, pois ela realmente não está aprendendo quase nada.*

6) Que aspectos você considera importantes e a melhorar em termos de vínculos familiares para o crescimento e amadurecimento pessoal e escolar do seu filho(a)?

*Gostaria muito que o pai dela percebesse a filha que tem e lhe desse o valor que ela merece. Isso não é fácil, ele precisa querer e não acredito que isso ocorrerá.*

*Espero que a terapia a ajude a compreender melhor tudo isso. Quanto a mim, pretendo me esforçar cada vez mais para oferecer o melhor às minhas filhas e ao meu netinho.*

**ANEXO**

ANEXO A - Autorização

## SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO ESCOLAR

Porto Alegre, 03 março de 2006.

O SOE, Serviço de Orientação Escolar, através desta, encaminha o Professor Nelson Elinton Fonseca Casarin à sua residência, compreendendo que o mesmo poderá ajudar-nos na compreensão das dificuldades de aprendizagem de vosso(a) filho(a). Esse trabalho também poderá ajudar outras famílias que enfrentam situações semelhantes.

A pesquisa por ele desenvolvida, com a sua participação, nos auxiliará a compreender melhor o que está acontecendo no desenvolvimento da aprendizagem.

Destaco que em nenhum momento sua identidade será revelada. O trabalho que o Professor visa desenvolver poderá ser publicado em seus estudos, porém as identidades dos entrevistados serão mantidas em sigilo. Se for necessário, para o desenvolvimento do trabalho, serão utilizados nomes fictícios, na colocação e exemplificação de determinados casos.

Como Orientadora Educacional, devo salientar a importância da participação de sua família. Agradecemos a sua participação e compreensão, certos de que, com esse estudo, poderemos melhorar nosso trabalho como escola, no sentido de compreender melhor a forma que poderemos ajudar vosso(a) filho(a) na aprendizagem escolar.



Lidia Viviane E. M. Streithorst  
Orientadora Educacional  
Reg. Nº 37.460.129 - N



EDITE ZAZYKI ARAÚJO  
Coord. Pedag. 5ª Série  
ao Ensino Médio.